

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EaD GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**

BRUNA MARCOS VELHO

ESPAÇO ESCOLAR: DIVERSIDADE ÉTNICA E A LUTA PELA IGUALDADE

FLORIANÓPOLIS

2016

BRUNA MARCOS VELHO

ESPAÇO ESCOLAR: DIVERSIDADE ÉTNICA E A LUTA PELA IGUALDADE

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculada ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE)

Orientador: Marcelo Henrique Romano Tragtenberg

FLORIANÓPOLIS

2016

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).


Aprovado em 09 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:



Olga Régina Zigelli Garcia

Banca Examinadora:



Jair Zandoná



Cláudia Cristine Moro

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Marcos Velho, Bruna

Espaço Escolar: Diversidade Étnica e a luta pela
igualdade / Bruna Marcos Velho ; orientador, Marcelo
Henrique Romano Tragtenberg - Florianópolis, SC, 2016.
66 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de Especialização Ead Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1.Ciências Humanas. 3. Gênero. 4. Raça e Etnia. 5. Espaço
Escolar. I. Romano Tragtenberg, Marcelo Henrique. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Especialização Ead
Gênero e Diversidade na Escola. III. Título.

Como todo o amor e carinho para aquele que mesmo distante nunca será esquecido, meu eterno bisavô Chico Preto – Francisco de Oliveira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, isso que me faz nunca desistir da busca pelo conhecimento.

Agradeço meu companheiro Reginaldo por todo o amor, paciência, dedicação, companheirismo e respeito que demonstrou durante a realização do curso do GDE.

Aos meus pais Aristeu e Iracema e irmãs Talita e Eduarda, vocês que mesmo longe buscam dar todo o apoio.

A todos os professores da Especialização EaD Gênero e Diversidades na Escola, que foram importantes no conhecimento e desenvolvimento durante as disciplinas.

Ao orientador Marcelo H. R. Tragtenberg pelo auxílio, conhecimento e dedicação na produção da monografia.

Agradeço meu bisavô materno Chico Preto que mesmo não tendo grande período de convívio, sempre esteve em meus pensamentos e foi a inspiração para este trabalho.

À Escola Básica Municipal Parque de Exposições que abriu as portas para que a intervenção ocorresse, bem como toda a equipe pedagógica.

À diretora da E.B.M. Parque de Exposições, Liane pela ajuda e confiança na atividade desenvolvida.

Agradeço imensamente aos meus queridos e estimáveis educandos do 8º e 9º ano da E.B.M. Parque de Exposições, que realizaram as atividades com êxito, demonstrando sua opinião nos debates e atividades realizadas, por serem críticos e pela paciência que demonstraram.

Agradeço à tutora presencial do polo de Concórdia Claudia Moro, por toda a dedicação, carinho e respeito aos cursistas e ao curso.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo,

os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate à fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da redução da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinta e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Enfim, a todas as pessoas que direta ou indiretamente fizeram parte do desenvolvimento da especialização e deste trabalho.

MUITO OBRIGADA!

Enquanto a cor da pele for mais importante
que o brilho dos olhos, haverá guerra.

Bob Marley

RESUMO

Partimos do pressuposto da existência de diversidade de ascendências étnicas em Concórdia. Pretendemos abordar as diferentes etnias formadoras do povo brasileiro, com ênfase nas culturas do estado de Santa Catarina. Destacamos as questões relativas ao negro, suas resistências e luta pela igualdade nos diferentes espaços da sociedade, principalmente nos espaços públicos e escolares, pois é das que encontram mais obstáculos na sua valorização na sociedade. Buscamos conhecer as características das ascendências étnicas que predominam no município de Concórdia, Santa Catarina, e desenvolver um trabalho com educandos de escola pública, objetivando a compreensão e valorização da importância histórica das culturas, costumes e crenças. Foi utilizado o método bibliográfico, desde a esfera global até local. O local explorado foi a Escola Básica Municipal Parque de Exposições, localizada no município de Concórdia / SC. Utilizou-se na pesquisa os referenciais teóricos, produções de textos e apresentações sobre o tema, através de palestras e debates. Objetivou-se que os educandos compreendam e dêem a devida importância às suas histórias e cultura. Proporcionou-se um debate com representante de cada etnia presente no município, para que relacione a teoria e a prática por meio das trajetórias de vida desses representantes.

Palavras-chave: Ascendências Étnicas. Negros. Igualdade. Concórdia. Brasil.

ABSTRACT

This work has as a starting point the existence of ethnic ascendance diversity in Concórdia, State of Santa Catarina. We intend to study the different ethnic ascendencies in the formation of the Brazilian people, emphasizing the cultures of Santa Catarina. We highlight the questions related to the Blacks, their resistance and fight for equality in the different social spaces, mainly the in the public schools, since this is a group that finds many obstacles in its promotion in our society. We explored the different features of the ethnic ascendencies present in the city of Concórdia, Santa Catarina, aiming to value the historical importance of the cultures, habits and beliefs. We did a bibliographical research, from the global to the local. The explored place is the Escola Básica Municipal Parque de Exposições, which is located in the city of Concórdia/SC. We used in the research many theoretical frames: text productions and presentations in class, debates and invited speeches. We aimed the students to value their history and culture. We made a debate with representatives of each ethnicity present in the city, relating the theory to the practice through the life trajectories of these people.

Key words: Ethnic Ancestry, Blacks, Equality, Concórdia, Brazil.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	12
1	RAÇA, ETNICIDADE E ETNIA.....	18
2	DISCRIMINAÇÕES RACIAIS NO BRASIL: UMA ABORDAGEM DO CONCEITO COM ÊNFASE NO ESPAÇO ESCOLAR.....	31
3	INTERVENÇÃO ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL PARQUE DE EXPOSIÇÕES, CONCÓRDIA SANTA CATARINA.....	40
3.1	METODOLOGIA.....	42
3.2	AVALIAÇÃO.....	45
3.3	CRONOGRAMA.....	45
3.4	RESULTADOS.....	46
3.5	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	55
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
	REFERÊNCIAS.....	59
	ANEXOS.....	62

INTRODUÇÃO

Entender as diferenças étnicas, sociais, econômicas, políticas e históricas de um país ajuda a buscar o conhecimento, de modo a desconstruir estereótipos e o que é visível ao olhar desavisado. Para isso, é preciso compreender como se constitui a população brasileira, desde o período colonial até a miscigenação da população nativa, que tem um contexto histórico das migrações que vieram ocorrendo ao longo do tempo. Desta forma, pode ser superado um grande dilema no que se refere à valorização das etnias e raças que formam a sociedade brasileira.

O Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), proporciona oportunidade de realizar um estudo acerca da diversidade e o espaço escolar. É interessante discutir gênero e diversidade e sua relação em uma sociedade homogeneizadora, que busca reconhecer o outro pelo seu estereótipo. Assim, pode-se entender e reconhecer que as diferenças existem e que, muitas vezes, recaem em conceitos moralizados e comuns para a sociedade, levando a julgar os indivíduos sem ter o conhecimento real da situação vivenciada e, desta forma, levando à exclusão de pessoas de espaços como escolas, ambientes de trabalho, de lazer, dentre outros.

Pensando nas três bases oficiais para a formação da população brasileira, indígenas, portugueses e negros, todas possuem uma historicidade e cultura própria. Os povos nativos que aqui habitavam, com seus costumes e crenças, o “novo mundo” que ficou conhecido a partir do século XV e a mão de obra escrava dos negros trazidos para o trabalho, são algumas marcas da população. Destacam-se outras ascendências, advindas principalmente da Europa, como: alemães, italianos, poloneses e, da Ásia, os japoneses e chineses, que trouxeram novos modos de vida.

O município de Concórdia, Santa Catarina, possui uma população predominantemente alemã e italiana, com alguns traços indígenas e negros. Atualmente, o município tem recebido um grande contingente populacional de haitianos, este motivado por diferentes tipos de conflitos e catástrofes naturais no Haiti. A maioria serve de mão-de-obra para a Empresa BRF – Brasil Foods, que é uma agroindústria de destaque em nível regional, estadual, nacional e mundial. O município conta com uma diversidade de unidade escolar tanto municipal quanto

estadual. Pensando nesta diversidade étnica, busquei desenvolver um trabalho que levasse à reflexão sobre a importância de conhecer a luta e dos direitos dos negros no Brasil, que sempre foram minoria política e social, principalmente dentro dos espaços escolares.

O trabalho objetiva uma maior interação com as ascendências e, abordando a luta pela igualdade entre as pessoas de diferentes costumes e culturas, compreender e entender o contexto histórico, social, político, religioso, educacional e econômico dos negros na sociedade brasileira, com ênfase no Estado de Santa Catarina e no município de Concórdia. O desenvolvimento deste trabalho procura mostrar aos indivíduos a importância de estudar a construção histórica dos negros na sociedade brasileira e de seus espaços de reivindicação por igualdade e, principalmente, debater este assunto nos espaços escolares públicos ou privados.

A historicidade, cultura e espaços socioeconômicos de inserção dos negros é um tema que urgentemente precisa ser abordado nos espaços escolares, não somente pela obrigatoriedade por lei, mas para o conhecimento de uma cultura atualmente ignorada e desconsiderada. A partir da Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, tornou-se obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio; porém, não deve ser apenas desenvolvido o tema em algumas áreas afins, mas de maneira interdisciplinar, envolvendo diferentes disciplinas e profissionais.

O desenvolvimento e inspiração do trabalho foram decorrentes do ascendente da pesquisadora, Francisco de Oliveira, conhecido como Chico Preto. Era filho de escravos, e também foi tratado da mesma maneira. Desta forma, este trabalho é uma homenagem e demonstra respeito por toda a população negra.

Em um primeiro momento foi desenvolvido um trabalho envolvendo a parte teórica, relativa à história social e econômica que envolve os negros, seus direitos humanos conquistados nos espaços públicos e privados. São mencionados dados que revelam a participação da população negra nas escolas, universidades, mercado de trabalho e classe social, buscando que as educandas compreendam e entendam os diferentes espaços e a luta pela igualdade.

Refletindo sobre os espaços educativos, a abordagem do trabalho vai além da parte teórica. Por meio da intervenção, busca colocar em prática a questão na

escola. Compreende-se que a escola não é único espaço educativo, reconhece - se outros espaços, como nas famílias, rodas de amigos, nos jogos de futebol, que têm interação com as vivências escolares. Assim, a educanda não é uma folha em branco e que na escola começara traçar sua vida e objetivos, excluindo suas vivências. Levando em consideração estes diferentes espaços e as construções sociais dos educandos, será desenvolvido o trabalho na Escola Municipal Parque de Exposições no município de Concórdia, Santa Catarina.

O espaço escolar é um ambiente de interações e socializações entre ideias comuns e diferentes, abrangendo as educandas e todos os profissionais da educação. Sabemos que a escola não é um espaço neutro, é nela que se reproduzem inúmeras discriminações raciais, sociais, culturais e religiosas.

Entende-se que a universalização do acesso ao ensino não é suficiente para superar as desigualdades que existem na educação, pois esta possui inúmeras relações de poder e de discriminação. O importante é não se omitir frente às situações de discriminações que existem no espaço escolar, e sim buscar alternativas para erradicar ou minimizar situações de preconceito e desigualdades. Um exemplo de discriminação foi o que sofreu meu bisavô, que nasceu em 1901 e viveu até perto dos anos 1990. Ele não teve acesso ao espaço escolar, mesmo após a abolição da escravatura no Brasil. Esta lei, que foi assinada pela Princesa Isabel, em 13 de maio de 1888, supostamente concederia a liberdade tão almejada pelos escravos e escravas. A realidade foi bem outra.

No Brasil o contexto histórico e social é marcado pelo racismo contra a população negra. Mas é neste espaço que as diferenças devem ser aceitas, que os valores, respeito e humanidade possam ser desenvolvidos, rompendo barreiras.

Não dá para negar a existência de práticas racistas e preconceito no ambiente escolar, principalmente em crianças e jovens negros que sofrem diferentes tipos de humilhações, que muitas vezes perpassam pela omissão de professoras diante das situações. Buscou-se entender tudo que permeia as negras na histórica luta pelos direitos humanos no Brasil, proporcionando um estudo as educandas da rede pública de ensino, bem como abordar as questões de raça, etnia e racismo. Ainda no século XXI, observamos receios de ver pessoas negras atuando em determinados cargos e funções.

Temas envolvendo raça, etnicidade e racismo devem ser abordados nas Instituições Escolares, sejam elas públicas ou privadas, nas esferas municipais e estaduais, tanto para profissionais como para educandos, pois a sociedade brasileira é marcada pelas diversidades de grupos humanos que deveriam apenas ter um objetivo em comum, respeitar a condição e subjetividade do outro. Importante trazer à tona o acesso a uma educação igualitária, buscando integrar os assuntos e conteúdos às questões históricas e contextos atuais da população brasileira. Refletiu-se como os temas raça, racismo e etnicidade são tratados na escola, enfatizando uma formação do sujeito para dizer não ao preconceito, e que seja independente da cor da pele e da condição social do indivíduo.

Adotamos como objetivo um trabalho com caráter educativo, informativo, reflexivo e preventivo com a temática do racismo e desigualdade, envolvendo os educandos. Buscou-se analisar a construção histórica das negras no Brasil, no estado de Santa Catarina e no município de Concórdia, proporcionando um debate em torno das ascendências étnicas existentes no município. Refletiu-se sobre a influência dos negros na cultura brasileira e produziu-se trabalhos com os educandos que respeitem e valorizem a cultura negra, como o desenvolvimento de atividades envolvendo o preconceito.

Justificamos a importância do trabalho porque vemos que o estudo em torno das ascendências étnicas no município de Concórdia / SC, com ênfase na construção histórica dos negros, busca refletir sobre as lutas por espaços dos negros na sociedade brasileira. Produzindo um trabalho com os educandos de escola pública, a partir da reflexão sobre suas ascendências étnicas, dando destaque para a cultura negra e suas lutas pela igualdade, proporcionando um conhecimento acerca da cultura negra através de textos, debates e palestras, de modo a tornar as educandas críticas e conscientes sobre o seu papel em sociedade. Pretende-se que os educandos interajam com o tema que envolve a historicidade, cultura e população negra e direitos humanos negros do Brasil, para que tenham criticidade e conhecimento que envolve esta cultura, que está integralmente ligada com a miscigenação da população brasileira. Deseja-se mostrar que o papel da escola é valorizar as diferentes etnias, com destaque para o negro, de maneira afirmativa e não os vitimizandando, mas mostrando suas conquistas e cultura.

O trabalho se desenvolveu a partir de uma pesquisa qualitativa, utilizando de fontes diretas e indiretas como referenciais bibliográficos, livros e revistas, além da análise do questionário aplicado no grupo.

Como pesquisadora e docente percebo a grande importância dos estudos voltados para as ascendências étnicas e a valorização dos negros na sociedade brasileira. Com a ascendência étnica de negros e italianos, com um grande orgulho de representá-los, tenho como naturalidade o município de Bituruna, no estado do Paraná. Minhas trajetórias escolares no ensino fundamental e médio foram em duas escolas estaduais no município de Bituruna. Com 17 anos passei no vestibular de verão/2009 da FAFI – Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória, atual UNESPAR – Universidade Estadual do Paraná, campus de União da Vitória. Foi uma grande felicidade em conseguir ingressar no Ensino Superior em uma Universidade Estadual. O curso escolhido foi o de Licenciatura em Geografia, o qual contava com o período de 4 anos de estudo. Inicialmente não foi o curso desejado a fazer, mas a oportunidade de um ensino público e gratuito falou mais alto.

A cada momento de aprendizagem, a paixão pelos conteúdos foi surgindo, principalmente quando no final do 1º semestre do curso, consegui a vaga de estagiária no município de Bituruna, PR, em um espaço escolar que os educandos frequentavam no contra turno escolar. Eles tinham diversas atividades: atividades físicas, artes, valorização das datas comemorativas, momento para temas escolares, dentre outros. Cada estagiária ficava com uma turma de aproximadamente 20 alunos, entre 06 até 15 anos, divididos em quatro grupos. Desta forma o meio escolar se inseria cada vez mais no cotidiano, onde as estagiárias aprendiam a montar os planos de aula, caderno de planejamento e diário de classe. O período de estágio pela prefeitura durava dois anos, assim, no 5º semestre do curso de Geografia, consegui um novo estágio pela Universidade, sendo bolsista do PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência, pelo projeto Alfabetização Ecológica e das Letras do curso de Geografia. A carga horária era de 12 horas, sendo que oito horas deveriam ser cumpridas nas escolas do município de União da Vitória. Desta maneira, uma vez por semana havia o deslocamento para o município, ficando-se durante todo o dia e retornando-se à noite para o município de Bituruna, PR. As outras quatro horas eram de produção em casa, com o desenvolvimento de

artigos e planejamento, pois nas escolas eram desenvolvidos trabalhos com alunos do pré ao nono ano referente à questão ambiental. O trabalho era desenvolvido uma aula em cada turma, em um semestre com 4 turmas e no outro com mais 4 turmas.

A atividade como bolsista durou dois anos do curso de licenciatura, assim quando formada já tinha uma base para desenvolver um trabalho no espaço escolar. No primeiro ano de formada, realizei a Especialização em Gestão de Educação no campo pela FACEL / Curitiba no método à distância, levando um ano para concluir a mesma. Durante este ano, houve a mudança para o município de Concórdia, no estado de Santa Catarina, para trabalhar como professora contratada por 20 horas semanais, com a disciplina de Geografia nos anos finais do ensino fundamental. Assim se passaram três anos. Atualmente trabalho com 20 horas, como professora concursada pelo município, 20 horas em uma escola da rede particular e 5 horas em uma universidade do município, toda a carga horária lecionando a disciplina de geografia.

Foi em uma das escolas da rede municipal que, trabalhando no ano de 2014, entrei em contato com o edital da Especialização em Gêneros e Diversidades na Escola. Realizei a inscrição e no final do primeiro semestre de 2014, sendo selecionada e no primeiro semestre de 2015 me matriculando no curso. O ano de 2015 e 2016 foram de muitas aprendizagens e desafios, pois realizei duas especializações ao mesmo tempo, pela UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Quando me inscrevi nas duas não estava fazendo nenhuma delas, assim resolvi aproveitar a oportunidade de desenvolver estes estudos simultaneamente. Durante um ano e meio, as duas foram realizadas juntas, bem como as disciplinas e módulos. Os trabalhos de conclusão das especializações se situaram na mesma linha de pesquisa: um abrangendo a questão dos direitos humanos, a luta pela igualdade dos negros e o outro a questão das ascendências étnicas, com ênfase nos negros. Desta forma, o tema ganha ainda mais importância, pois traz à tona a valorização das diversidades étnicas, ascendências, em particular a dos negros.

1 RAÇA, ETNICIDADE E ETNIA

Há uma grande importância em entender e compreender os conceitos que envolvem a sociedade e os seres humanos, voltando para as questões históricas para conseguir entender os fatos atuais. Não podendo deixar de lado a construção de cada espaço, região ou país, que criam seus mecanismos para definir características que envolvem raça, etnicidade e racismo, buscando dar ênfase no contexto brasileiro.

O tema raça traz muitas inquietações, sendo difícil de retratar e abordar um contexto único, pois depende do espaço e do tempo, indo além de um mero conceito para uma complexidade ainda maior. Trazendo à tona questões históricas e culturais, sendo uma construção histórica e social.

O que são raças para a sociologia, portanto? São discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais, psicológicas, etc., pelo sangue (conceito fundamental para entender raças e certas essências). (GUIMARÃES, 2009, p. 66).

Quando se trata da raça humana e como o tema é tratado pela nação brasileira, notam-se as diferenças entre a raça branca e a raça negra, tanto pela questão histórica de colonização dos europeus como pela exploração dos negros, estes que foram dizimados e tratados de maneiras opressivas e desumanas. Mesmo após um século da abolição da escravatura, isso que ocorreu em 13 de maio de 1888, através da Lei Áurea, muitos são os vestígios de racismo contra os negros de indiferentes faixas etárias. Sobre os dados demográficos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE (2010), “43,1% da população brasileira se declararam pardos e 7,6% dos entrevistados se declararam pretos, totalizando 50,7%, entre pardos e pretos”. Assim, percebemos a importância das comunidades que formam o povo negro para formação da população brasileira, que muitas vezes é vista com desdém e desprezo.

Não pode ser deixada de lado a raça branca, que no Brasil possui uma influência majoritariamente de imigrantes europeus, que vieram para o Brasil com a proposta de explorar e cultivar terras brasileiras. Os dirigentes e governantes da época em parceria com o cenário econômico mundial, apropriaram-se do ideal de colonizar os indígenas e trazer a mão-de-obra negra para o trabalho, além dos interesses nas riquezas e matérias-primas do país.

O que notoriamente cresceu no Brasil são as propostas de políticas públicas voltando se para temas como raça e racismo, fomentando leis para punir as pessoas que utilizam da agressão, psicológica ou verbalmente, agredindo os seres humanos. Uma grande evolução nas leis que protegem a população negra, mas ainda não são eficazes, direitos e deveres que devem ser cumpridos, além do acesso ao ensino público e privado, bem como estudos de temas na área da educação. Porém falta ainda consistência política e humana, para que as diferenças não se tornem pontos negativos, classificando os seres humanos pela cor da pele e origem social.

O termo racismo é entendido como sendo qualquer pensamento ou atitude que vem a separar as raças humanas, pela superioridade de uma sobre a outra. Segundo o antropólogo Munanga (2015, p. 12) “explicar o racismo, na medida em que este fenômeno continua a se basear em crença na existência das raças hierarquizadas, raças fictícias ainda resistentes nas representações mentais e no imaginário coletivo de todos os povos e sociedades contemporâneas”.

O termo racismo não é fácil de definir, sendo abrangente e complexo, engloba um conjunto de crenças de que determinado grupo humano seja melhor ou pior que o outro, sendo ligado ao conceito de raça. Pensando no termo, as diferenças se constituem no ponto central de injustiças e diferentes entre grupos, socialmente constituído por uma cultura, costumes e tradições que os define.

Enfatizando o racismo sobre um referencial de grupo, constituído por um cotidiano de luta contra a opressão, os negros sofreram e sofrem injúria, ofensas e insultos. Diferentes situações de violação fazem com que os negros se sintam inferiores. Refletindo sobre o racismo brasileiro, se percebe algo mascarado, camuflado, pois quase ninguém se considera racista, porém as atitudes do cotidiano mostram indivíduos racistas, através de piadas tidas como “engraçadinhas”, olhares de opressão, muitas vezes já naturalizada pelas pessoas. Segundo Pereira (2015) “na tradição brasileira há uma condenação coletiva do racista e do Racismo e, apesar disso, até mesmo a Organização das Nações Unidas – ONU denuncia o Brasil como um país racista”.

Voltando para a terminologia de gênero, os dados estatísticos realizados no Brasil, mostram que as meninas e mulheres negras sofrem violação dos direitos humanos, além do racismo que é enfrentado diariamente. A internet tem sido um meio difusor para piadinhas, imagens, charges de formas racistas, que trazer a

mulher negra como as que engravidam cedo, que não se valorizam ou que utilizam o corpo como meio de sustento, segundo Jarid Arraes (2015) “a mulher negra sempre transita entre a indesejabilidade e a exotificação”, de um lado são vistas como feia e suja, por outro de maneira sexual e provocante. Conceitos moralizantes de uma sociedade, que difere pessoas pela cor da pele.

O surgimento do conceito da etnia tem uma relação com a raça, pois “o emprego destes conceitos, tanto de raça quanto o de etnia, são apropriados de acordo com diferentes perspectivas políticas”, (GROSSI, 2015, p. 12) utilizada por diferentes grupos ligada à questão histórica e cultural.

Se o uso de raça como conceito para falar das diferenças ligadas à cor e identidades culturais havia sido abandonado no século XX em prol do uso do conceito de etnicidade, como melhor operador das diferentes formas de discriminação ligadas a grupos étnicos, foram os movimentos negros que o recolocaram na ordem do dia. (MUNANGA, Kabengele, 2015, p. 12).

Interessante pensar na raça, seja negro ou branco, como ponto de disputa e poder. Entender o convívio pelo simples termo, segundo Guimarães (2009, p. 66) pensar em raça como “discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais, psicológicas, etc.”. Desta forma, a raça se estrutura a partir dos aspectos biológicos e naturais, já a etnia tem sua relação ligada às diferenças sociais, culturais, históricas, dentre outras que envolve um grupo.

A importância desse estudo se origina pela expansão do termo etnia e não pela simples exclusão da raça, pois diferentes grupos sociais utilizam do termo raça para definir seus ideais e estudos.

O termo etnicidade designa o conjunto de características comuns a um grupo de pessoas, que se

diferenciam de outro grupo, levando em consideração a língua, cultura e nação de origem comum.

Falar a mesma língua, estar radicado no mesmo ambiente humano e no mesmo território, possuir as mesmas tradições são fatores que constituem a base fundamental das relações ordinárias da vida cotidiana. Marcam tão profundamente a vida dos indivíduos, que se transformam num dos elementos constitutivos da sua personalidade e definem, ao mesmo tempo, o caráter específico do modo de viver de uma população. Por outro lado, as relações sociais que derivam do fato de pertencer à mesma etnia criam interesses coletivos e vínculos de solidariedade caracteristicamente comunitários. (BOBBIO, Norberto (et all). Dicionário de Política. SP: Imprensa Oficial, 2000, p. 449)

Neste sentido o Brasil possui um grupo heterogêneo de etnias e ascendência étnica, que possuem características sociais e históricas diferenciadas, uma composição variada da população. Destacando os nativos, que aqui encontravam-se antes da chegada dos imigrantes portugueses, estes que vieram a fim de explorar as riquezas da colônia brasileira e os negros trazidos como mão-de-obra escrava e barata para trabalhar nos engenhos de açúcar no século XVI. Além da significativa influência de outros grupos de imigrantes europeus, asiáticos, africanos e latino-americanos que contribuíram para a forma da população brasileira.

A história que perpassa o tempo, ligando fatos históricos aos momentos atuais, busca entender o espaço e o presente, voltando-se para o passado, este que revela inúmeras situações de conquistas e revoltas. Entender a classe, raças, sexo e sexualidade se voltando para a formação dos Impérios Transatlânticos do século XVI ao XIX, são inteiramente importantes para discussão da sociedade brasileira.

Os impérios que vinham formando colônias no “novo mundo”, termo utilizado para designar o continente Americano conhecido após o século XV, este que pela formação da história e cultura possui traços de portugueses, espanhóis, franceses, ingleses, entre outros. Voltando-se para predomínio dos impérios portugueses e espanhóis a que majoritariamente vieram colonizar a América Latina, ao adentrar ao desconhecido, trouxeram uma nova estruturação política, cultural, populacional, econômica e social.

O Novo Mundo proporciona um exemplo especialmente claro das interseções dinâmicas entre as idéias e os ideais contemporâneos sobre sexo/gênero, raça/etnicidade e classe social que se refletem nos novos sistemas de identificação, classificação e discriminação social que se forjaram na consolidação da sociedade colonial íbero-americana. Torna-se exemplo também das consequências que a moralidade sexual e os estereótipos de gênero prevalentes tiveram para todas as esferas da vida das mulheres. (STOLKE, 2006, p. 91)

O conhecimento sobre o novo mundo trouxe uma nova relação de gênero, concepções da sexualidade feminina, honra familiar e domínios dos homens sobre as mulheres, demonstrando inúmeras formas de desigualdades que existiam entre os sexos, no período colonial advindo da metrópole. Os “brancos”, que trouxeram novas formas de vestir-se e diferentes costumes, tinham como objetivo principal conquistar o território em busca de lucros e riquezas. Um exemplo disso, o Brasil sendo colônia de Portugal, utilizou um dos maiores contingentes de escravos do

mundo, uma relação de escravidão sobre os negros e os povos nativos, que também foram explorados, porém fugiam facilmente pela grande extensão de terra.

Os impérios possuíam costumes e crenças, um destaque para o artigo “Limpieza de Sangue” de Stolkes (2006):

Termo para designar a pureza sexual das mulheres, a segurança da virgindade antes do casamento e a castidade depois, relacionando ao dogma religioso do Cristianismo, que era considerado a única verdadeira fé, um sangue puro que era autenticado a uma fé cristã. (STOLKES, 2006, p. 92).

Uma ideologia ligada à moralidade, onde os da elite não poderiam manter relações com classes inferiores, caso houvesse eram considerados impuros, não possuíam os mesmos valores senão fossem da mesma raça e status social homogêneos, “não se encaixavam na limpeza de sangue, pois não possuíam o mesmo status social”. (STOLKES, 2006, p. 107).

A colônia brasileira obtinha “a limpeza de sangue como uma ideologia racial e de exclusão, desde o período de colonização, onde a miscigenação é a característica principal marcante da formação brasileira” (STOLKES, 2006, p. 100). Com a relação dos portugueses que aqui chegavam, encontravam as mulheres indígenas, com características físicas e maneiras diferentes de se vestir e assim mantinham relações sexuais com as mesmas. Muitas vezes estas relações ocorriam por abusos sexuais, o que levou a um enorme declínio da população, pelo contato com doenças, que se disseminavam, doenças estas que não eram apenas pelo contato sexual, mas via oral e física. Esta relação de portugueses com as nativas, e mais tarde com a chegada dos negros e outras etnias europeias, mostra a mestiçagem que se observa nos dias atuais.

Um período marcado pela moralidade sexual e honra do casamento, relacionado ao casamento por pessoas do mesmo status social, “o código de honra metropolitano, em que a busca por pureza dependia daquela moralidade sexual em que a virgindade e a castidade das mulheres apareciam como o valor maior, adaptando tal código ao novo ambiente colonial”, (STOLKES, 2006, p. 106). O valor da pureza, o direito que os homens possuíam em controlar os corpos e sexualidades das suas mulheres, que deveriam ser puras, virtuosas e honrosas para seus esposos, mostrava princípios de uma sociedade injusta que não respeitava os direitos de cada ser humano.

As diferenças nas relações sociais, passa por mudanças ao longo do tempo, o predomínio do casamento idealizado e realizado pelo consentimento dos pais, predomina até os dias de hoje, mesmo com uma maior liberdade de escolha e decisões próprias, “há famílias que utilizam da questão religiosa e cultural para determinar as relações dos filhos”. (STOLKES, 2006).

As relações apontadas através da sexualidade feminina, honra familiar, ordem do Estado, atualmente vêm passando por significativas transformações, isso se deve a conquistas dos direitos humanos onde todos são livres e possuem direitos iguais perante a lei, indiferente de credo, raça, etnia, status, religião, entre outros. Porém percebe-se que a influência familiar ainda é determinante, existe caso de famílias que não aceitam uniões de filhos com pessoas de classes sociais diferentes ou de cor de pele diferente da sua. Em Concórdia, há relatos de discriminações feitas neste sentido, segundo Arcelino Dias, 55 anos é um exemplo disso, em seu relato para o *Livro Retratos da população de Concórdia – Os Afrodescendentes*, diz ter enfrentando preconceito racial. “Meu cunhado era conta o namoro, pois era negro e minha esposa branca. Nossa União já dura 30 anos. Isso diz tudo”, SANTOS (2005, p. 75)

O município de Concórdia atualmente está buscando derrubar estas barreiras, pessoas envolvidas com a criação do NIARA – Organização Negra, que desenvolve trabalhos com negros, imigrantes Haitianos, mulheres e crianças, nos últimos anos o município tem recebido um grande contingente de imigrantes haitianos, e já está ocorrendo casos de casamento entre as etnias. Porém, o preconceito ainda é muito grande em relação à população concordiense, que não aceita este tipo de relação.

O que passa a ser notório no artigo *Enigma das Interseções: classe e raça, na formação dos Impérios Transatlânticos do século XVI ao XIX*, que muitas colônias do novo mundo foram construídas pelas crenças e costumes dos impérios colônias, existindo uma hierarquização das classes, diferenças entre os homens e mulheres e suas relações com a família, o dogma religioso construído e ligado à colônia. Uma nova estruturação utilizando “uma cultura e religiosidade imposta, condicionando e levando ao posicionamento social e diferentes tipos de preconceitos, que penduram até os dias de hoje, muitas vezes mascarados”. (STOLKES 2006). As transformações foram muitas, porém inúmeras situações preconceituosas são presenciadas ainda nos dias de hoje.

O município também conta com uma pequena parcela da população de ascendência étnica negra, que sofreu preconceito racial por conta de cor da pele, isso ocorrido pelos anos de 1930, onde não poderiam participar de bailes onde tinham brancos, grupos que criaram times de futebol para consolidar amigos, como o relato de Roseli Lima, filha de negros “existe preconceito, mas as pessoas convivem conosco porque somos minoria aqui em Concórdia”. (SANTOS, 2005, p. 67). Pedro Araújo no livro *Retratos da população de Concórdia – Os afrodescendentes relata* que “éramos discriminados. A sorte é que tinha bons amigos e fiz grandes amizades através do esporte [...] nos bailes, não nos deixavam entrar”. (SANTOS, 2005, p.72).

Na questão da mulher negra se percebe uma grande dificuldade de explicar o que vêm a ser o termo pejorativo “mulata”, seria fácil olhando apenas a cor da pele, mas são inúmeras situações, que é de difícil explicação. Identificar uma pessoa apenas pelos atributos físicos é algo banal, como também generalizar determinada classe ou grupo, por exemplo, todas as mulatas possuem corpo violão, é algo que desconsidera as diferenças existentes entre mulheres negras, que mesmo pertencendo ao mesmo gênero possuem suas particularidades.

O senso comum demonstra certa generalização, determinado lugares, classe ou cor de pele que todos tender a possuir a mesma maneira de se portar. No Brasil, a cor expressa um todo, segundo Giacomini (2015, p. 126) “mas esse imaginário não produz apenas uma representação estética da mulata brasileira, ele também implica, talvez principalmente, uma representação moral e sexual da mulata”.

No espaço escolar isso ocorre frequentemente, pois cada indivíduo possui uma criação diferenciada, com costumes e experiências que obtém no convívio com a família. Quando chegam às escolas vão se moldando, adquirindo e experimentando novas convivências. Mas o que é vivido na família não é deixado para trás, principalmente os pejorativos, como: “só poderia ser preto mesmo”, esta frase implica muito uma cultura enraizada no berço da família. Na escola passa a ser um espaço de convivências entre pessoas e ideais diferentes, mas é neste espaço que o preconceito e o racismo começam a aparecer, desta forma precisa haver um estudo dirigido e eficaz para combater preconceito e generalizações, para que educandos passem a conhecer o outro além das características físicas e não aceitem apenas estereótipos que sejam parecidos consigo. Nas crianças muitas

vezes percebe-se o ato discriminatório, porém a inocência ainda é muito grande, na adolescência a pureza já não existe com por centro e a consciência já está sendo formado pelo certo e errado, o dever de todos os profissionais é de alertar e explicar as diferenças étnicas, socioeconômicas e culturais.

Porém, indiferente da faixa etária, percebe-se pronúncias discriminatórias pelo estilo de cabelo e principalmente pela cor da pele, sendo mais frequente com negros. Na questão da etnia, costume e cultura a diferença também se mostra no município de Concórdia, podendo se identificar as falas discriminatórias e preconceituosas contra haitianos. Os educandos não sabem discernir informações “verdadeiras” e “falsas”, um exemplo disso: o Haiti passou por um terremoto em 2010, sofre por inúmeras catástrofes naturais que ainda ocorrem além de generalizados conflitos sociais, desde então muitos tem vindo ao Brasil, como forma de sobrevivência e recomeço, o município de Concórdia tem recebido haitianos, principalmente para trabalhar na Empresa BRF - Brasil Foods, casos ocorreram com alguns homens haitianos terem feitos coisas consideradas erradas para a população local, porém os falatórios se generalizaram e todos começaram a falar mal de todos os haitianos que vieram para Concórdia. Em uma conversa informal com os alunos/as de uma escola estadual do município, entre 13 e 14 anos, foi percebido que alguns tinham receio e medo, relatando que quando passam a rua e veem os haitianos muda de calçada, isso derivado das histórias contadas pela população. Entretanto, alguns que já tiveram mais convívio e, desta forma, conhecem um pouco mais a cultura, descobriram que a maioria fala três ou mais idiomas, entre eles existem pessoas com formações e ensino superior que por não conhecer a língua portuguesa e por questões legais, não podem trabalhar em suas especificidades, assim trabalham em empregos inferiores as suas formações, neste momento percebeu-se que todos os que ouviam ficavam admirados, pois era algo que não sabiam, apenas relatavam o que ouviam falar.

Embora certos estudiosos se recusem a aceitar que o “problema do preconceito racial” seja o problema central, nos estudos de relações raciais, e ainda que se admita que o preconceito, seja qual for a importância que se lhe dê, como problema de estudo, deva ser focalizado no contexto da “situação racial” em que se manifesta, o fato é que a preocupação com o mesmo está pelo menos implícita em toda a pesquisa que se faz nesse setor. Mesmo quando se estuda uma “situação racial” em que se supõe inexistente (ou quase inexistente) o preconceito, está pelo menos implícito o interesse em compará-la com situações em que sua ocorrência é insofismável. (NOGUEIRA, 2006, p.290)

Desta forma o estudo abordando os negros, suas lutas e resistência em diferentes lugares, se torna de grande importância, propiciando um estudo acerca dos espaços de luta por direitos humanos e violação dos mesmos, principalmente dentro da educação. Através deste estudo os educandos da escola pública de diferentes faixas etárias, podem ter acesso a um ensino que busca valorizar a cultura negra e com dados demonstrando que ainda são minoria em diferentes espaços públicos como privados. Por meio da educação, conscientizar os educandos, profissionais, responsáveis e comunidade em geral do papel do ensino diferenciado que valorize a diversidade.

A história revela as discriminações que pessoas negras sofriam, como não podem estar nos mesmos espaços públicos e privados que os brancos, escolas segregadas, diferenciações em banheiros e bebedouros e negros sempre visto como sinônimo de mão-de-obra escrava, relatos que foram presenciados na sociedade brasileira e em nível mundial, como no Estados Unidos e na África do Sul, como a história nos mostra. Na educação, os caminhos também perpassam estas dificuldades da inserção dos negros, que por muito tempo e ainda atualmente são a minoria tanto no ensino fundamental anos finais e médio, como no ensino superior. O que contribui para que a taxa de escolaridade aumente entre a população negra é o movimento negro, que vêm contribuindo para inserção de crianças, adolescentes e jovens nos espaços escolares, diminuindo a desigualdade social e elevando o nível de escolaridade e salarial.

A inspiração do desenvolvimento do trabalho é contada pela história de Francisco de Oliveira, conhecido como Chico Preto em uma reportagem do Jornal FAFI – Integração Ano II, Nº 03 de junho de 1988, uma maneira de resgatar a herança cultura, Chico Preto esteve presente no Ciclo de Estudos e Debates sobre o centenário da Abolição da Escravatura, com 87 anos é um homem forte e lucido, conhecido por sua saúde de ferro, filhos de escravos, nasceu na fazenda Dois Irmãos de Campo Belo, no município de Lages, criado pelo padrinho recebeu uma educação como escravo, não tendo a oportunidade de estudar. Comprovando o tratamento como escravo, conta que foram poucas às vezes em que recebeu pagamento em dinheiro por seus trabalhos, sendo compensado apenas pela satisfação do patrão que lhe dava a comida e reconhecia nele um nego bão. Era conhecido como sendo um dos melhores domadores de cavalos da região, tanto que

na cidade de Bituruna, Paraná a onde veio se instalar nos últimos anos, ficou conhecido como o Chico Preto que domava cavalos brancos.

Chico preto, amargurado, continua sorrindo, sempre alegre e amigo de todos. É o típico do nego bom que soube deixar-se amassar ou domar-se pelas veredas da vida e sistema escravista brasileiro, que norteia a mentalidade capitalista.

Chico Preto, em 87 anos de vida, conseguiu formar seu maior patrimônio, do qual muito se orgulha, ter granjeado muito amigos que o admira e gostam dele.

Não há quem não conheça Chico Preto em Bituruna[...] (INTEGRAÇÃO, p. 03, 1988).

Na obra citada anteriormente fazendo referência ao município de Concórdia, contendo fotografias e relatos de famílias da população afrodescendentes, desenvolvido em 2005 e 2006, de pessoas com diferentes faixas etárias e profissões. Segundo Alvaír dos Santos, 2005, p. 07 “um dos objetivos do trabalho é preservar e construir a memória da cidade, demonstrando através dos relatos, como a etnia contribui para o acervo da cultura concordiense”. Na citação abaixo relatos e memórias da população afrodescendente do município de Concórdia, SC.

Claudino de Moura deixou a cidade gaúcha de Severiano de Almeida aos 24 anos para trabalhar na Sadia de Concórdia. Morou inicialmente no bairro dos Estados, mas seu trabalho na agroindústria não durou muito tempo. Há 13 anos dedica-se a atividade rural após comprar uma propriedade na comunidade de Primeiro de Setembro. [...] Diz não ter sofrido algum tipo de preconceito, mas quando o chamavam de negro respondia aos companheiros com as palavras alemães e gringo.

Arival Martins, gaúcho de Guaporé, veio para Santa Catarina quando seus pais aceitaram um trabalho. [...] Recorda que existiam poucos elementos afros em Concórdia e lembra de Amaral, Vicente em Fragosos. Um time de futebol reuniu parte da etnia. Segundo ele grande parte dos afros trabalhava na Prefeitura ou vinha para jogar futebol.

José Fernandes revela que sua avó materna era descendente de italianos e pai, materno, era bugue [...] Mesmo com essa diversidade de etnias explica que o preconceito racial existe na sociedade.

Maria Luiza Alves Favaretto nasceu na comunidade de Barra do Tigre, Concórdia [...] mãe de quatro filhos, “meus filhos são conscientes d sua condição de afrodescendentes”, assegura. Ela recorda que é bisneta de escravos que moravam na cidade gaúcha de Estrela. [...] Maria Luiza revela que os negros não podiam entrar nos outros bailes, mas sim, apenas nos que faziam. Isso acabava gerando um certo desconforto.

Amadeu da Silva, 68 anos, diz ter convivido com o preconceito racial. “Num baile no Interior não queriam que eu entrasse. Somente com a intervenção dos amigos isso aconteceu”, diz. Para casar com sua esposa, de descendência italiana, também enfrentou a oposição de um irmão da namorada que era contrário ao relacionamento. [...] “Em minha época parecia que havia mais famílias de afrodescendentes no município”, aponta Amadeu. (SANTOS, 2005).

A uma grande importância de entender as políticas públicas no cenário social atual, demonstrando a significativa implantação de ações envolvendo as diferenças

históricas, culturais e socioeconômicas, de acordo com o SEBRAE, 2016 (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), “o conceito de políticas públicas diz respeito a um conjunto de ações e decisões do governo, voltadas para a solução de problemas encontrados na sociedade”. Desta forma busca se consolidar ações, destacando a importância de ressaltar as metas e planos pensando na educação e suas diversidades, seja na esfera federal, estadual ou municipal.

O momento histórico e atual é marcado pelas diferenças entre classes sociais, as desigualdades que existem entre os homens e mulheres, os preconceitos muitas vezes mascarados sobre os negros e as questões de morais e religiosas.

Buscando compreender a diversidade, as diferenças e o preconceito, o etnocentrismo é um fenômeno comum que vem caracterizar todas as sociedades humanas, por seu o estranhamento diante de costumes de outros povos e a avaliação das formas de vida distintas que se dá a partir dos elementos da própria cultura. Julgando pelos padrões culturais próprios, os comportamentos e as formas de ver o mundo dos outros, desta forma, desqualificando suas próprias origens e até negando sua humanidade.

O que fica claro é que o Brasil conta com uma grande diversidade étnica, se baseando principalmente na variedade de raças e etnias existentes em um país de grandes extensões territoriais e populacionais. Segundo Pena (2016):

O termo raça não é compreendido em seu sentido biológico, mas sim em seus aspectos socioculturais de modo a diferenciar os grupos populacionais por características físicas externas, geralmente a cor e outros aspectos. Já o termo etnia costuma definir as populações com base também em suas diferenciações culturais e linguísticas envolvendo tradições, religiões e outros elementos.

Desta forma há uma variedade étnica que defini a composição da população brasileira. Pena (2016) descreve que “a composição étnica brasileira é basicamente oriunda de três grandes e principais grupos étnicos: os indígenas, os africanos e os europeus”. Não foram apenas estas culturas que habitam o país, ao longo do tempo o Brasil recebeu grande contingente populacional de asiáticos, latino-americanos, dentro outros, toda está diversidade contribui para a miscigenação da população.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) classifica a população brasileira com base em cinco tipos diferentes de cores/raças: os brancos, os negros, os pardos, os amarelos e os indígenas, estas informações constam na tabela do Censo Demográfico de 2010:

Cor ou raça	População residente	Porcentagem
Total	190.755.799	100
Branca	90.621.281	47,51
Preta	14.351.162	7,52
Amarela	2.105.353	1,10
Parda	82.820.45	43,42
Indígena	821.501	0,43
Sem declaração	36.051	0,02

Fonte: <http://brasilecola.uol.com.br/geografia/composicao-etnica-brasileira.htm>. Acesso em: 10 de out. de 2016.

Relacionando a população negra do Brasil, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE, 2010: “demonstram que pretos/as e pardos/as – constituam 50,74% da população”, um número elevado para um país “miscigenado”, que conta com brancos, amarelos e indígena.

Santos (2012) confirma que, os baixos salários ainda são grande maioria entre a população negra, “eles/as seguem ganhando quase a metade do que é destinada a população branca. No caso das situações entre os extremos, homens brancos e mulheres negras, essa diferença ultrapassa 100%”. Isso demonstra a grande desigualdade socioeconômica que existem entre os negros e brancos, mas também entre gêneros.

Verificando os dados da população negra e a relação com o ensino, segundo Santos (2012) “os dados do Censo 2010 do IBGE demonstram que uma pessoa negra com o mesmo grau de escolaridade de uma pessoa branca, recebe em média 40% a menos”. Outro destaque da autora analisando “os dados, a divisão entre os indivíduos que se encontram entre pobreza e pobreza extrema, aqui entendida como o grupo de pessoas que recebem até R\$ 70,00 por mês (IBGE, 2010)”, é possível constatar que as mulheres negras aparecem sempre nas piores posições. Através dos dados do importante Instituto do Brasil é comprovado que os negros brasileiros mesmo conquistando espaço ao longo dos anos, ainda recebem em média menos

que o restante da população, além de inúmeros casos de preconceito e racismo que sofrem.

A história da educação brasileira é profundamente marcada pelo racismo, assim transformá-la exige que se leve em conta os temas da identidade e da diversidade cultural. Atualmente muitos dos problemas identificados são facilmente explicados por este processo de negação da população negra, engendrado ao longo dos séculos (SANTOS, 2012).

Desta forma o estudo abordando os negros suas lutas e resistência em diferentes lugares se torna de grande importância, propiciando um estudo acerca dos espaços de luta por direitos e violação dos mesmos, principalmente dentro da educação. Através deste estudo os educandos da escola pública de diferentes faixas etárias, podem ter acesso a um ensino que busca valorizar a cultura negra e com dados demonstrando que ainda são minoria em diferentes espaços públicos como privados. A compreensão da trajetória dos afrodescendentes no Brasil, expressa traços de uma sociedade desigual e arraigada de preconceitos. Por meio da educação, conscientizar os educandos, profissionais, responsáveis e comunidade em geral do papel do ensino diferenciado que valorize a diversidade, que busque de fato o exercício da alteridade e a operacionalização da educação enquanto ente transformador.

2 DISCRIMINAÇÕES RACIAIS NO BRASIL: UMA ABORDAGEM DO CONCEITO COM ÊNFASE NO ESPAÇO ESCOLAR

No dia-a-dia, algumas situações muitas vezes passam despercebidas. O olhar se volta para aquilo que chama atenção, seja pelo lado negativo ou positivo, um olhar mais atento ao contexto do espaço escolar, e um redobrado e atento para as mínimas situações e ocorrências.

Ao longo do tempo a educação busca transmitir ideias e pensamentos diferenciados, divididos por afinidades e ideais em comum, respeitando e valorizando a diversidade. Muitas vezes dividindo os indivíduos, seja pelo costume, religião, gênero, raça ou etnia. Mas seja no convívio em sociedade ou espaço menor devemos saber respeitar o outro, indiferente do estilo, credo ou modo de ser.

Quando se fala em gênero, a discussão acaba sendo mais intensa, pois nem mesmo os profissionais da educação sabem lidar com o termo e respeito às diferenças, já ouve relatos de professores criticando o estudo de gênero no espaço escolar. Muitos utilizam dos conceitos tradicionais para explicar fatos, segundo eles se aprenderam que homem é homem e mulher é mulher, porque deveria ser diferente, pois aprenderam desta maneira e assim deve ser. Os profissionais discorrem que a culpa de tantas modificações é abertura do tema no espaço escolar. Muitas vezes a solução dos problemas de discriminação de gênero, não se refere somente aos adolescentes e jovens, mas aos professores que não são capacitados para trabalhar determinados temas, como esse no espaço escolar.

Os desafios são enormes, pois a escola atende diferentes educandos, seja na questão étnica, econômica, social, cultura ou religiosa. Pensar nestas diferenças dentro dos espaços escolares é compreender o mundo que está a nossa volta e que necessita de indivíduos que saibam respeitar os outros. Os educadores devem empenhar-se na tarefa de despertar uma consciência crítica dos educandos em relação a diferenças socioeconômicas, culturas, religiosas, políticas, dentre outras.

Refletindo sobre a história educacional no Brasil, o que fica nítido é que o acesso ao ensino era para pessoas seletas, estas da classe dominante, caracterizado por ter maiores aquisições, de cor branca e predominância da religião católica, um estereótipo enraizado historicamente na cultura brasileira. Houve muitas mudanças, transformações e o acesso das pessoas mais simples e sem

poder aquisitivo começou a se expandir, porém nem todos os espaços escolares respeitam as diferenças, muitas vezes excluindo e isolando os indivíduos.

Desta forma a diversidade deve ser um ponto central na educação, seja ela pública ou privada, abrangendo a interação de todos os envolvidos. Uma nova proposta educacional que estejam atendendo às diferenças.

Nessa proposta educacional será preciso rever o saber escolar e também investir na formação do educador, possibilitando-lhe uma formação teórica diferenciada da eurocêntrica. O currículo monocultural até hoje divulgado deverá ser revisado e a escola precisa mostrar aos alunos que existem outras culturas. E a escola terá o dever de dialogar com tais culturas e reconhecer o pluralismo cultural brasileiro. Talvez pensar o multiculturalismo fosse um dos caminhos para combater os preconceitos e discriminações ligados à raça, ao gênero, às deficiências, à idade e à cultura, constituindo assim uma nova ideologia para uma sociedade como a nossa que é composta por diversas etnias, nas quais as marcas identitárias, como cor da pele, modos de falar, diversidade religiosa, fazem a diferença em nossa sociedade. E essas marcas são definidoras de mobilidade e posição social na nossa sociedade. (Eliana de Oliveira, 2001).

Pensar em uma educação inclusiva e igualitária, que abranja todos, sem distinções, pensando no coletivo pela educação. Sabemos que a espaço escolar não é a única forma de integração, mas é onde os indivíduos têm contatos com diferentes tipos de pessoas, devendo garantir a oportunidade de acesso e permanência nestes espaços. Pensar em uma nova proposta que pense em um currículo problematizando a realidade e a diversidade.

A escola passa a ser um lugar de maior diversidade, mas que carrega consigo discriminações e preconceitos, muitas vezes tornando um espaço que produz a exclusão e inclusão perversa. Pensando nisso é interessante refletir e abordar dentro dos espaços escolares termos que envolva diversidades étnicas, preconceito, desigualdade e racismo.

O racismo também é qualquer conjunto de crenças de que diferenças (reais ou imaginárias) orgânicas e intelectuais, geneticamente transmitidas entre grupos humanos, são intrinsecamente associadas a presença ou ausência de algumas características ou capacidade socialmente significativa e, portanto, que tais diferenças constituem uma base legítima de distinções injustas entre grupos socialmente definidos como raças.

O racismo é uma forma de discriminação que se pauta na rejeição, inferiorização e exclusão daqueles que detêm características físicas distintas da branca, principalmente no Brasil onde os negros passam por uma história de

opressão, escravidão e subordinação aos brancos. O Brasil passa pelo intenso processo de discriminação, principalmente por ser um país que possui mais de 50% da população pardo/preta, as ações afirmativas se constituíram a partir do campo do direito, principalmente dos direitos humanos, que passaram a expandir os campos de acesso à população que sempre foi subordinada, por meio das ações que se objetivam as mudanças sociais através da igualdade material.

A formação de todos os profissionais envolvidos na educação é o ponto primordial para que haja mudanças na sociedade, se o educador desenvolver um trabalho de igualdade e respeito estará construindo cidadãos de respeito. Porém se o profissional não possui uma formação para debater e trabalhar, não conseguirá compreender tudo o que está a sua volta, desde as pequenas atitudes na sala de aula, como no pátio da escola e a interação dos educando e professores.

A mudança vai além do espaço escolar, de profissionais e educandos, devendo atingir toda a comunidade e a sociedade em seu entorno, desde os culturalizados e tradicionais até as mentes abertas e expansionistas. Mas na escola, onde a maioria passa muito tempo e com pessoas diferentes, as modificações devem ser realizadas. Assim:

A construção da identidade [...], como a de qualquer identidade social, não passa apenas pela afirmação de atributos e características partilhados por um mesmo grupo, ela é também, talvez principalmente, o estabelecimento das fronteiras que demarcam esses grupos de grupos percebidos como vizinhos, próximos, e por isso mesmo ameaçador daquela identidade em construção. (Sonia Maria Giacomini, 2015, p. 133).

A sociedade de maneira geral acaba por responsabilizar o negro pela situação ao qual se encontra, sem entender os motivos que o colocaram nesta situação, no Brasil de acordo com os critérios do IBGE (2012), “a soma de pretos e pardos, representam 45% da população, mas são 64% dos pobres”, a grande maioria não possui moradia adequada, empregos dignos e o acesso à alimentação, saúde e educação de qualidade, vivendo em situação de pobreza extrema ou absoluta. Segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (2012), “nem o aumento do nível educacional foi suficiente para a superar desigualdades raciais [...]”, as mulheres e homens negros ainda ganham menos que os brancos. Como todos os cidadãos que possuem direitos e deveres, indiferente da condição social, etnia, religião, a Constituição Federal de 1988, em seu Art. 5º: “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos

brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.”.

O preconceito ainda é grande em relação aos diferentes grupos étnicos, principalmente recaindo sobre a população de origem africana, os municípios de Concórdia, Santa Catarina, que possui uma predominância da etnia alemã e italiana, nos últimos anos vêm recebendo um grande contingente migratório de haitianos, que em 2010 passaram por uma catástrofe natural que destruiu moradias, comércios, empregos e a infraestrutura do país, assim começaram a realizar um movimento migratório para o Brasil, muitos vieram para o estado de Santa Catarina, porém segundo turismóloga Francys Garib em uma reportagem do G1 SC (22/07/2016), “a falta de oportunidade, a falta de emprego, o preconceito muito grande, em alguns casos, até ameaça de morte... É isso que tá fazendo os haitianos saírem do Estado”, isso mostra algo que é realidade no município de Concórdia e no estado de Santa Catarina, um trecho da reportagem abaixo mostra isso:

“Fora Gorilas Haitianos de Concórdia”. Essa frase está escrita em uma parada de ônibus na BR-153 na Comunidade de Barra Seca. Desde que haitianos vieram para o Brasil e estão se instalando em cidades da região – foram muitas as manifestações contrárias e de preconceito, principalmente pela internet.

Em Santa Catarina, em outubro do ano passado houve até caso de crime de homicídio contra um haitiano que foi executado com diversas facadas. No trecho da BR-153 em Concórdia, essa foi a única manifestação registrada, mas que demonstra total preconceito e intolerância com os trabalhadores que vieram ao Brasil para tentar uma vida mais digna.

Muitos haitianos estão morando em cidades do Alto Uruguai Catarinense. Vários constituíram família e trabalham de forma honesta em agroindústrias. O caso poderá ser levado ao conhecimento das autoridades policiais para uma investigação visando identificar o autor da frase que configura intolerância racial. (Atual FM, 08 de junho de 2016).

Isso é explicado no fato de uma pequena parcela da população do estado de Santa Catarina ser negro, segundo o IBGE (2010), “em Santa Catarina, apenas 15% da população do Estado é negra”. Percebe-se um grande preconceito por parte da população concordiense, há muitos relatos de pessoas que acreditam que os haitianos vieram para roubar empregos e modificar a cultura do município. Empregos este que a população local não estava buscando.

Analisando os dados e pensando na diversidade étnica e na inserção de temas como raça, racismo, etnia e etnicidade, foi necessário desenvolver o plano de intervenção refletindo esta realidade socioeconômica, histórica, política e cultural dos negros, direitos humanos e o espaço escolar.

O local onde o tema foi desenvolvido é na Escola Básica Municipal Parque de Exposições, localizada no município de Concórdia / SC, sendo trabalhando no 8º e 9º ano que conta com aproximadamente 35 alunos, um projeto-ação que buscou maior criticidade e conhecimento dos educandos, aprimorando e refletindo a construção histórica e social do negro no Brasil e conhecendo as diversidades étnicas existentes no Brasil e em Santa Catarina.

O modelo de educação brasileira procura por meio de leis e proposta ser inclusiva com as diversidades, porém o que se observa na prática tem sido preconceituosa e muitas vezes discriminatória. Segundo Pereira (2011), “a instituição escolar precisa desenvolver programas que, reconhecendo as diferenças e respeitando-as, promovam a igualdade de oportunidades para todos, o que se traduz pela oferta de ensino de qualidade, progressista, humanista e multicultural”.

A situação da violação dos direitos humanos dos negros, não é atual, nem mesmo após a abolição da escravatura foi dizimado. Segundo Silva, Trigo e Marçal (2013, p. 564) “essas lutas e reivindicações se iniciam junto com a instauração da escravatura no Brasil, quando negros escravizados se rebelam em prol de sua liberdade e dignidade humana”. A uma grande importância da mobilização de diferentes frentes de apoio e consolidação dos direitos humanos no Brasil, como a mobilização em São Paulo.

Da mobilização que despertaram os jornais nasceu a Frente Negra Brasileira (1931), uma das organizações mais importantes da luta dos negros contra o racismo. Criado em São Paulo, este movimento chegou a se transformar numa referência importante para os negros de quase todo o Brasil, chegando a mobilizar até 100.000 militantes. Foi por intermédio do jornal A Voz da Raça que essa entidade criticou o descaso do governo com a educação dos negros. Ainda a experiência escolar mais completa para alunos negros foi uma iniciativa da Frente Negra Brasileira que chegou a atender cerca de 4.000 alunos (GONÇALVES; SILVA, 2000).

Mesmo com o desenvolvimento de políticas públicas da inserção dos negros nos espaços escolares, buscando proteger e garantir o acesso ao ensino de qualidade, o racismo e atos preconceituosos ainda são muito frequentemente em diferentes ambientes educativos, pessoas que não aceitam a inserção deste, julgando e diminuindo as leis garantidas. Por meio dos movimentos sociais dos negros que buscam efetivar a luta dos afrodescendentes por meio de ações que se concretizem e resolvam os problemas de ordem histórica, social, política, econômica, cultural e religiosa. A uma grande importância dos movimentos em prol

de direitos humanos e a educação, pois os ambientes escolares servem de lutas e igualdade, por um acesso ao ensino, saúde, moradia, trabalho de qualidade, por meio de políticas públicas e direitos que transforme a vida dos negros, reivindicando não apenas o setor educacional, mas o econômico, social e cultural. Entre algumas políticas públicas desenvolvidas para o direito dos negros no Brasil estão:

Surgimento de órgãos de governo em São Paulo, o “Conselho do Negro”, a interlocução entre o movimento negro e as esferas de gestão municipal, estadual e nacional vem se intensificando. No Governo Lula foi criada a Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial, com status de ministério e ligada à Presidência da República, o que intensificou ainda mais a participação de ativistas no governo. [...] Políticas de Estado e de governo nos últimos anos, sobretudo as que se referem à implementação da Lei n. 10.639 no ensino básico público e privado e a implementação de cotas no ensino superior e técnico federal. [...] Nas diretrizes gerais, destacam-se proposta de criação de fórum permanente sobre a diversidade étnico-racial e a implementação de programas que envolvam e valorizem as famílias negras e indígenas, iniciativas para implementar, efetivar a divulgação, por meio dos meios de comunicação, da Lei n. 10.639, que prevê a obrigatoriedade da disciplina de História da África e dos Afro-brasileiros (BRASIL, Movimentos negros e direitos humanos Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 13, n. 39, p. 559-581, maio/ago. 2013 573 2005, p. 24). No tópico sobre o acesso à educação antirracista, destacam-se propostas que preveem a implementação em “todas as instâncias de ensino a perspectiva racial e de gênero desde a educação infantil”, bem como a garantia da integridade física e psicológica das crianças negras e de outras etnias historicamente discriminadas no “sentido de prevenir práticas racistas, preconceituosas e discriminatórias” (BRASIL, 2005, p. 25). Propostas de criação de um sistema de controle, com fiscalização e apoio do Ministério Público, para o acompanhamento do processo de concessão de cotas e bolsas de ensino, visando o atendimento ao real objetivo dos programas sociais na área da Educação. (BRASIL, 2009, p. 37).

Voltando se para a trajetória dos direitos humanos nacionais, reconhecendo e mostrando a devida importância de conhecer a história de direitos e deveres criados para a sociedade. Como forma de criar um ideal de justiça e igualdade entre todos os indivíduos indiferente da etnia, religião, costumes e cultura, respeitando as diferenças. O Brasil tem grande influência no setor político para a criação de direitos humanos, principalmente o governo e a relação com as elites de cada época, ressaltando que:

A história dos direitos humanos no Brasil tem uma relação muito próxima com o enfrentamento e a resistência aos regimes ditatoriais, especialmente o regime militar que se instalou no país a partir do golpe civil-militar de 1964 e pendurou até o ano de 1985. Como uma resposta às violações de direitos e liberdades individuais e coletivas, constituíram-se movimentos organizados em defesa dos direitos humanos que exerceram forte influência no campo da educação em direitos humanos. (MENDONÇA, 2015, p.10).

Entender a história é um passo importante para analisar os avanços e retrocessos que ocorrem em determinado espaço, todos os direitos que surgem não são apenas em um determinado momento, mas são construídos ao longo do tempo e conforme a necessidade de cada sociedade, um processo de construção e conquista. Na Constituição Federal Brasileira de 1988, o Art. 1º criado para mostrar o princípio de igualdade entre as pessoas, segundo Jhébica Luara Alves de Lima, 2016:

O princípio da dignidade da pessoa humana está consubstanciado na Constituição Federal do Brasil, idealizada sob a rubrica de um Estado Democrático de Direito. A Carta Política estabelece a dignidade da pessoa humana como fundamento da República Federativa do Brasil, verbis: "Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: I - a soberania; II- a cidadania; III - a dignidade da pessoa humana; IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa; V - o pluralismo político".

Os direitos humanos surgem em uma busca pela proteção e igualdade de todos os seres humanos, principalmente os oprimidos. Pensando na luta pela emancipação os negros que vêm ganhando diferentes espaços, pois fazem parte da história da população Brasileira, mas ainda não tem seus direitos devidamente exercidos, longe do ideal da população negra. Pensar na luta pelos direitos humanos dos negros é analisar longos séculos da história de uma etnia e descendência que sempre foi oprimida e lutam por direitos na sociedade brasileira, que acaba repetido padrões escravocratas. As ações e progressos instituídos ocorrem pelo não acesso dos negros em trabalhos mais dignos e classes sociais altas, porém estes números vêm mudando pela inserção a educação na esfera municipal, estadual e no ensino superior, além da implantação da cultura afrodescendente no ensino brasileiro, com a obrigatoriedade da disciplina de História da África e dos Afro-brasileiros, que na maioria das vezes não se coloca em prática dentro das unidades escolares.

A importância dos movimentos negros no Brasil que surge como um caráter político, por meio das ações afirmativas, busca valorizar e dar a devida importância a conquistas pela igualdade da população negra, segundo Lopes, 2014:

A atuação do movimento negro no Brasil, suas lutas e conquistas ao longo dos séculos, tendo como enfoque principal os embates para a construção de um processo educacional que além de equânime, seja capaz de propagar a necessidade de após a revisão da história oficial, a promulgação

da valorização da cultura Afro-brasileira e da inserção do negro, junto aos diversos setores que compõem a sociedade, com vistas a garantir o acesso equânime e corrigir disparidades há séculos existentes e propagadas pelo racismo latente que impera o surgimento de uma sociedade paritária.

Por meio da educação, o movimento social passa a ganhar força, “a educação ainda continua se configurando como um dos campos germinativos mais fecundos dos ideários de luta dos movimentos sócias e a partir dela, muitas conquistas podem ser alcançadas”. (LOPES, 2014), isso por ser observado através das reportagens e da mídia, demonstrando que quanto mais escolaridade e anos de estudo a renda pode aumentar, isso efetiva se com a criação de diferentes políticas públicas para o acesso dos negros nos espaços escolares, os movimentos sociais tornam-se importantes relacionados às conquistas dos negros no processo educativo.

Na lei de cotas, conforme preconiza a Lei Federal 12.711/2012, que têm garantido o acesso do negro às universidades Brasil a fora [...]Em nível de País, o movimento negro contemporâneo, não só enquanto movimento social, mas também enquanto movimento político, emerge a partir da década de 1970 e a partir daí começa a fomentar o direito de equidade entre brancos e negros na busca de uma sociedade brasileira mais equânime baseada principalmente no acesso à educação (um dos direitos básicos segundo a Constituição Federal de 1988). [...] Sancionada a Lei Federal nº 10.639, de janeiro de 2003, que altera a Lei Federal nº 9.394/1996, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e legitima a obrigatoriedade do ensino da cultura Afro-brasileira e indígena nas escolas públicas e privadas do Brasil. (LOPES, 2014).

A educação, a cada instante, passa por mudanças e transformações, seja pelo momento em que vivemos ou sistema econômico vigente, os pesquisadores e teóricos produzem diferentes formas de ver a educação, desde método tradicional até as mais contemporâneas. O modelo desenvolvido na escolas públicas é a resistente à minoria e a diversidade, mesmo com o tema cada vez mais frequente entre profissionais e educadores. Há uma grande importância em disponibilizar conteúdo e aporte teórico para entender as diferenças, seja da raça, cor, gênero, etnia, religião, etc., a escola deve ser o espaço de construção e respeito às diversidades.

Desenvolver um trabalho acerca das diferenças, preconceitos e discriminações que assolam as Instituições Escolares, principalmente de reconhecer o outro além da cor da pele. Muitas vezes temos a impossibilidade de ver a pessoa da cor preta ou parda em alguns setores das atividades econômicas que demandam de mais poder, pois por muito tempo só poderia se ver estas pessoas trabalhando

de serviços, uma parte segregada da população. Desta forma, estudos desta magnitude servem para inserir nos espaços escolares temas que respeitem e valorizem a diversidade.

3 INTERVENÇÃO ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL PARQUE DE EXPOSIÇÕES, CONCÓRDIA SANTA CATARINA.

A temática a ser estudada dentro do espaço escolar tem relação com as diversidades étnicas brasileiras, os negros e a luta pela igualdade, o tema se encaixa no eixo raça e etnia. Entender o contexto histórico, social e cultural das ascendências étnicas, a posição e direitos humanos dos negros no século XXI, dando ênfase e refletindo sobre a questão da colonização do município de Concórdia, Santa Catarina, buscando que os educandos reflitam sobre as questões étnicas e suas ascendências.

Partindo do pressuposto da existência de diferentes ascendências étnica, abordar a questão do negro e suas resistências pela igualdade nos diferentes espaços da sociedade. Abordando a luta pela igualdade dentro dos espaços escolares, o projeto ação explorou a Escola Básica Municipal Parque de Exposições, localizada no município de Concórdia, Santa Catarina.

O trabalho desenvolvido propiciou um pensamento crítico aos educandos, refletindo sobre as diversidades étnicas existentes no espaço escolar. A E.B.M. Parque de Exposições, com aproximadamente 180 alunos, do ensino fundamental anos iniciais até os anos finais, as turmas a serem trabalhadas será os anos Finais do Ensino Fundamental (6º, 7º, 8º e 9º ano), é uma escola que abriga educandos de diferentes bairros do município, com condições sociais, etnias, culturais e religiosas diferentes.

O trabalho terá como intuito refletir as ascendências étnicas do município, a condição dos negros no espaço escolar, principalmente porque nós últimos anos o município vem recebendo muitos imigrantes vindos do Haiti, desta forma percebe que dentro dos espaços escolares estes educandos de grande maioria descendentes de alemães e italianos, ainda não estão sabendo se relacionar com os Haitianos, por não ter o conhecimento de outras culturas.

Desenvolver um pensamento crítico a acerca das diferenças, preconceitos e discriminações que assolam as Instituições Escolares, principalmente de reconhecer o outro além da cor da pele. Muitas vezes temos a impossibilidade de ver a pessoa da cor negra ou parda em alguns setores das atividades econômicas que demandam de mais poder, pois por muito tempo só poderia se ver estas pessoas o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (2012), “nem o aumento do

nível educacional foi suficiente para a superar desigualdades raciais [...]”, é importante continuar na luta pela igualdade de pessoas brancas e negras, seja nos espaços escolares como na sociedade de forma geral.

A criação de inúmeras ações afirmativas pelas esferas políticas tem demonstrado que o Brasil está buscando alternativas para corrigir desigualdades raciais presentes na sociedade, acumuladas ao longo de anos. Desta forma temas envolvendo o racismo, preconceito, desigualdades e diversidade deve ser tratada no ambiente escolar, pois é através das crianças, adolescentes e jovens que vemos a possibilidade de um mundo melhor e digno para as pessoas.

O espaço escolar é repleto de diversidades, desde os educandos até os profissionais envolvidos, mas é nítido o envolvimento da grande maioria em busca de uma sociedade mais igualitária e justa, com cidadãos conscientes e críticos. No diálogo com os professores, é claro, a importância do espaço escolar para todos os indivíduos, indiferente da às classes sociais, etnia, religião, entre outras diferenças,

Sendo um ambiente de interações e socializações entre ideias diferentes e comuns, abrangendo os educandos e todos os profissionais da educação, buscando um objetivo em comum pela educação de qualidade e digna para todos os envolvidos neste processo. É um espaço onde as diferenças sempre irão existir, porém o cuidado deve ser tomado, para que estas diferenças não se tornem desigualdades e discriminações. As vivências do educando são trazidas para os ambientes escolares, estes que muitas vezes são carregados de preconceitos e discriminações.

A proposta de estudo será desenvolvida nos anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), com as turmas do 8º e 9º ano, totalizando aproximadamente 35 alunos, tendo como tema “Espaço escolar: Diversidade Étnica e a luta pela igualdade”. O tema busca relacionar o eixo raça e etnia que foi abordado durante a especialização. Busca-se que os educandos reflitam sobre as questões étnicas e suas ascendências, inter-relacionando a história da África com contexto social, cultural e econômico da mesma, além de influência para a formação da população brasileira.

O trabalho terá como intuito refletir sobre a condição dos negros no espaço escolar, sendo desenvolvido e propiciando um conhecimento acerca do meu bisavô materno que era filho de escravos, que também foi tratado como escravo, mesmo

após a abolição da escravatura, os educandos terão oportunidade de observar o jornal ao qual é contada a história de Francisco Oliveira, conhecido como Chico Preto. O desenvolvimento da atividade contará com o livro *Retratos da População de Concórdia – Os afrodescendentes*, onde há retratos e relatos de concordienses e a questão de desenvolvimento econômico e social dentro do município de Concórdia, Santa Catarina.

Turma: 8º ANO e 9º ANO

Público Alvo: Adolescentes de 13 a 15 anos.

Número de alunos: 35 aproximadamente.

Modalidade: Ensino Fundamental anos finais. Ensino Regular.

Tema: Etnia, Racismo e Desigualdade.

3.1 METODOLOGIA

Apresentação do tema Espaço escolar: Diversidade étnica e a Luta pela Igualdade e levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos. Entregar aos educandos a carta de esclarecimento do trabalho a ser desenvolvido e um questionário sobre a diversidade étnica para que respondam em sala de aula.

Pesquisar e analisar desde a sala de aula, rua, cidade, estado e país, quantificando as diversas etnias existentes, dando ênfase às ascendências étnicas dos educandos. Coletivamente assistir o documentário *Babies*, para refletirem as diferenças culturais por meio de bebês de quatro partes diferentes do mundo. Na sala de informática desenvolver uma pesquisa sobre as etnias que foram retratadas no questionário – Diversidade étnica, bem como cultura, culinária, histórica e organização social.

Propiciar ao educando momentos de reflexão acerca da questão histórica e social que os negros passaram no Brasil, refletindo suas contribuições, descrevendo a história do continente Africano utilizando de Moreira (2014, p. 216) que descreve:

Com uma população de aproximadamente 1 bilhão de habitantes e cerca de 30 milhões de quilômetros quadrados, forma um grande contingente de 54 países. Longe de ser um espaço homogêneo, nele há cerca de 80 grupos étnicos, cada qual com sua língua e cultura. Com um passado ligado a interesses políticos e econômicos externos e refém de instituições internacionais que comandam, a sua economia, o continente multifacetado tem fronteiras que foram traçadas arbitrariamente pelos ex-colonizadores

Europeus durante o século XIX. Na África, o colonialismo passou, mas os prejuízos que causou ainda não foram solucionados.

Utilizar do artifício geográfico, mapa e globo terrestre, para mostrar aos educandos a localização da África, valorizando a posição geográfica no globo bem como os contornos dos limites territoriais dos países africanos, com os oceanos Atlântico e Índico.

Após os dados históricos e sociais da África serão apresentados aos educandos objetos de origem africana, que será disponibilizado pela professora, como: máscara africana, boneca abayomi, quadros da savana e fauna africana e representação do navio negreiro, com a poesia de Castro Alves, Navio Nегreiro, bem como o jornal da FAFI – Integração de junho de 1988, nº 03, que conta a história do Chico Preto – Um Serviçal, este que é meu bisavô pelo lado materno, demonstra que na prática ainda não havia a liberdade total do negro. O transporte dos negros para o Brasil era feito pelos chamados navios negreiros, as condições eram precárias o que muitas vezes resultava na morte dos escravos. Ficavam amontoados e no mesmo local que dormiam, tinham que fazer suas necessidades, gerando inúmeras contaminações, utilizados como mão-de-obra barata, movimentavam a economia do país. Castro Alves, como poeta da literatura brasileira retrata em sua poesia “Navio Nегreiro”, as condições desumanas, no jornal da poesia de Feitosa (2016).

Hoje... o porão negro, fundo,
Infecção, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar.

Relacionando a população africana com o Brasil, mostrar situações do tráfico negreiro que levava os africanos para todos os lugares do mundo, como forma de mão de obra escrava. Para representar esta difícil história, utilizar um recorte do *Amistad* (SPIELBERG, 1997) um filme norte-americano de 1997, realizado por Steven Spielberg, e com roteiro escrito por David Franzoni. A história remonta ao ano de 1839 e é baseada em fatos verídicos que ocorreram a bordo do navio *La Amistad*. O filme relata a luta de um grupo de africanos escravizados em território norte americano, desde a sua revolta até seu julgamento e libertação. É possível conhecer as condições de captura e transporte de escravos africanos para a

exploração do trabalho na América do Norte, a máquina jurídica americana de meados do século XIX e o germe das primeiras medidas para a abolição da escravatura naquele território.

Apresentar aos educandos os dados do Censo Demográfico do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, utilizando da reportagem do Portal Brasil intitulada: *Censo 2010 mostra as características da população brasileira*, que demonstra o número de pessoas que se autodeclararam preto ou pardo, bem como a população negra distribuídas nos estados brasileiros, o nível de escolaridade, destacando o nível superior e o mercado de trabalho, mostrando as desigualdades sociais existentes no Brasil sobre a população negra.

Buscando uma reflexão sobre os direitos humanos negros conquistados no Brasil, sendo um dos direitos básicos segundo a Constituição Federal de 1988 direito a equidade entre brancos e negros. Baseada principalmente no acesso à educação, a Lei Federal de Cotas 12.711/2012 que têm garantindo o acesso do negro às universidades dentro e fora do Brasil, além da lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, de uma maneira interdisciplinar. Apontar através de textos a importância das conquistas destas leis para a população negra.

O estudo será concluído com o “Chá das Etnias”, onde será convidada uma ascendência étnica, como: alemã, italiana, indígena, negra e haitiana, proporcionando um debate histórico e cultural. Os educandos foram incumbidos de trazer uma receita que represente a culinária da ascendência, está que será estudado e pesquisado na sala de informática nas aulas anteriores. Após terão que produzir um folder, com imagens e escritas que represente as etnias estudadas, refletindo o negro na sociedade brasileira e o combate do preconceito e racismo, a atividade será em duplas, sendo terminado extraclasse.

RECURSOS DIDÁTICOS.

- Vídeo;
- Texto;
- Pesquisa;
- Projetor;

- Computador;
- Cartazes.

3.2 AVALIAÇÃO

O procedimento de avaliação deve estar proferido com os seus conteúdos estruturantes, os conceitos envolvendo a etnia e raça, racismo e desigualdade, a influência da população africana para o Brasil, a relação na sociedade e as relações de poder, contemplando o que é visto deste o espaço local até o global. Que essa avaliação seja diagnóstica e continuada, e que contemplem diferentes práticas pedagógicas, tais como:

- ✓ Interpretação oral e escrita;
- ✓ Participação em grupo;
- ✓ Potencialidade, assiduidade, participação;
- ✓ Diálogos;
- ✓ Avaliação individual;
- ✓ Apresentação de teatro contra o preconceito de etnias no Brasil.

3.3 CRONOGRAMA

ATIVIDADES	PERÍODO		
	AULAS	DATA INICIAL	DATA FINAL
- Apresentação do Tema (EBM Parque de Exposições); - Carta de Esclarecimento; - Questionário: Diversidade étnica (ANEXO 1)	1	17/10/2016	17/10/2016
- Documentário Babies; - Pesquisa e debate: etnias brasileiras.	2	20/10/2016	24/10/2016
- História e Cultura Africana, com	2	24/10/2016	24/10/2016

artifício de objetos e jornal;(ANEXO 3) - Recorte do filme Amistad.			
Debate sobre a reportagem: - Censo 2010 mostra as características da população brasileira; (ANEXO 2) - Reflexão: Racismo, preconceito e direitos humanos dos negros.	1	07/11/2016	07/11/2016
- Chá das Etnias; - Produção do folder.	2	21/11/2016	21/11/2016

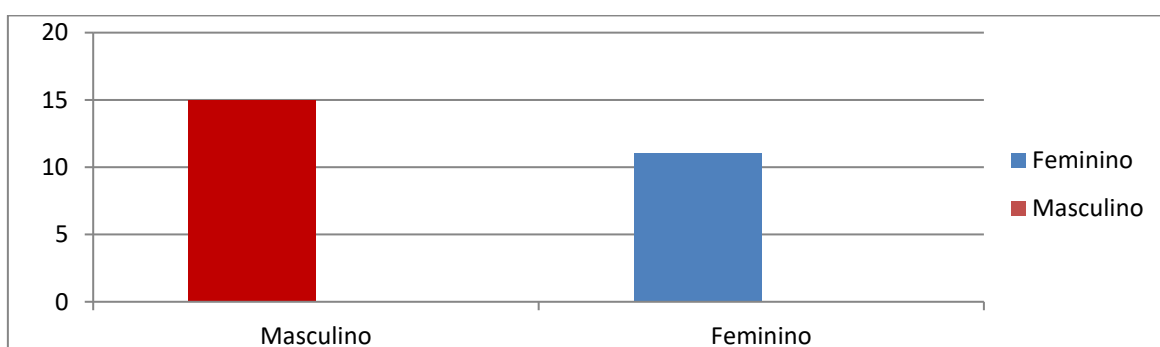
3.4 RESULTADOS

A intervenção foi realizada na Unidade Escolar do município de Concórdia, Santa Catarina, Escola Básica Municipal Parque de Exposições. Foi um trabalho relacionado com a obrigatoriedade do estudo sobre a história da cultura dos afrodescendentes e africana no Brasil. A grande maioria dos educandos desenvolveu as atividades propostas, demonstrando interesse pelo tema, mas como cada indivíduo é um ser único e possui suas ideias, alguns foram apáticos, pois são educandos evadidos da escola e não participaram de todas as atividades. Houve também os que não demonstraram interesse durante as aulas.

Os educandos demonstraram-se empolgados durante as atividades desenvolvidas, interagindo com tema e debatendo, principalmente a questão histórica em que o negro esteve e está inserido, a partir de padrões escravocratas e segregacionistas. Alguns educandos de cor de pele mais escura contaram algumas experiências discriminatórias que já sofreram, como por exemplo, ser chamada de cor de cuia e relatou que este tipo de denominações não a deixava triste, pois vinham de colegas e amigos, levando como uma brincadeira. Um educando relatou que gosta da cultura africana, pois além de ser afrodescendente, sua família carrega alguns traços culturais de origem africana, como o candomblé e a umbanda. Seu pai é conhecido como pai de santo.

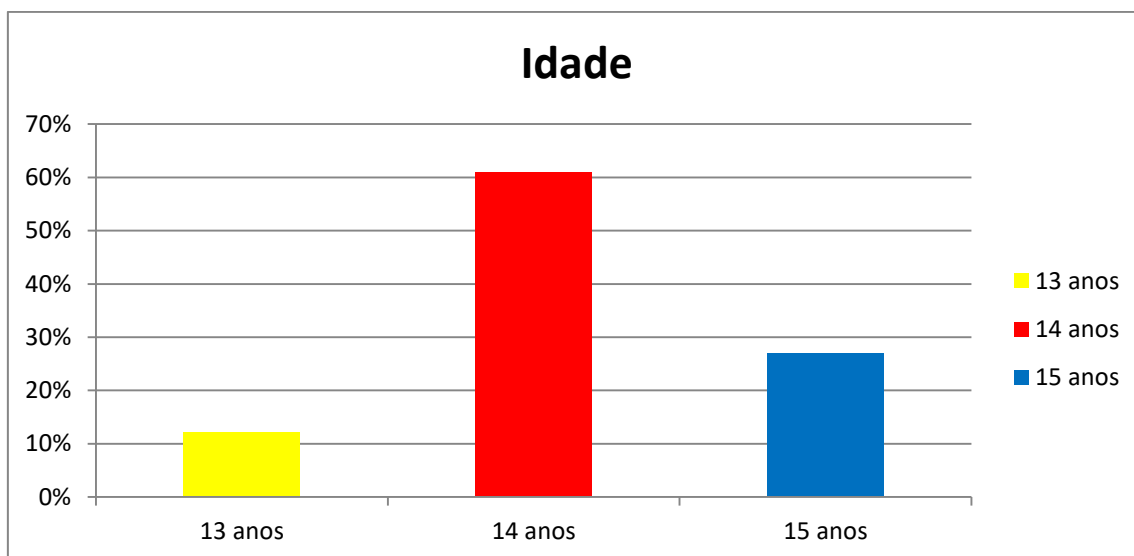
Durante a realização das atividades houve interação dos educandos, por meio do debate, leitura e participação, se mostrando receptivos ao tema, mostrando que este conteúdo além da importância de estar inserido em sala de aula, é também estimulante. Envolveram-se e interagiram com o tema, ficando empolgados quando os vídeos foram passados, retratando a cultura e historicidade africana. O destaque foi para os recortes do filme *Amistad*. Temas envolvendo as questões de ascendências étnicas e a construção histórica e social dos negros no Brasil não são temas fáceis de serem desenvolvidos, pois cada educando tem uma posição sobre o tema o enriquece ainda mais o trabalho. A satisfação e reconhecimento foram enormes, principalmente com o envolvimento da grande maioria, pois este é um trabalho que teve sua base em um jornal e uma forma de agradecimento ao “*Chico Preto*” e ultrapassou fronteiras chegando até o espaço escolar.

Na primeira aula houve a exposição do tema aos educandos, que ficaram à vontade para questionamentos. Responderam ao questionário em sala de aula e individualmente, conforme as questões do anexo 1, tendo a opção de colocar ou não seus nomes. Cabe registrar que todos colocaram seus nomes. O gráfico abaixo demonstra que o sexo masculino é o que predomina entre os 26 educandos que responderam o questionário, sendo 15 desse gênero e 11 do feminino. A idade ficou entre 13 a 15 anos. Sobre a naturalidade, percebe-se que todos são da região sul, sendo a grande maioria do município de Concórdia. Outros municípios de origem: São José/SC, Pato Branco/PR, Campos Novos / SC, Gravataí/RS.



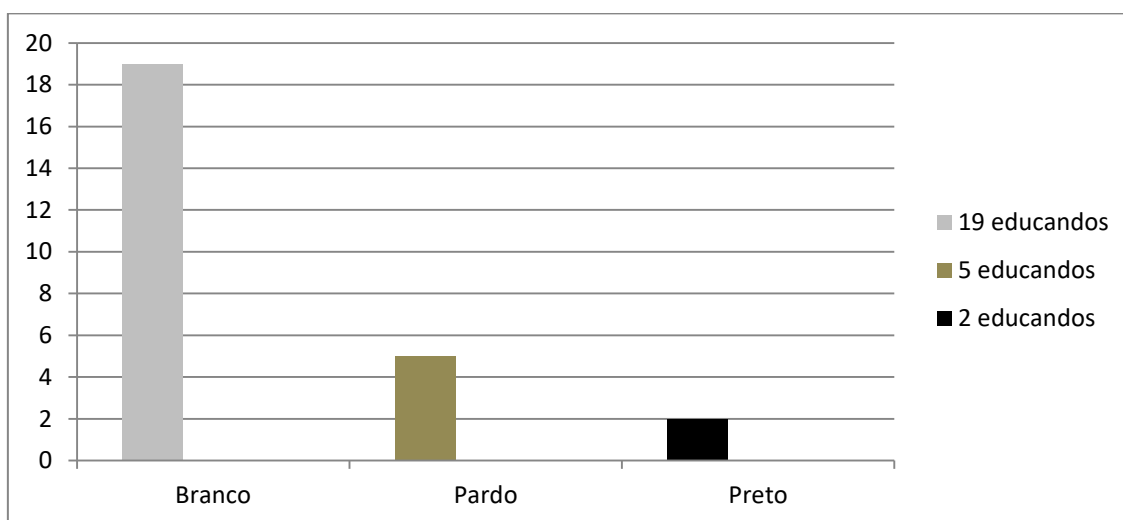
Quantidade de alunos por sexo.

Fonte: VELHO, Bruna Marcos. Questionário Diversidade Étnica, 2016.



Fonte: VELHO, Bruna Marcos. Questionário Diversidade Étnica, 2016.

Os resultados obtidos pelo IBGE (2010) onde cerca de 15% eram pretos e pardos em SC, são um pouco diferentes daqueles percebidos entre os educandos, pois 7 das 26 pessoas se autodeclararam preta ou parda (27%). Mesmo assim, percebe-se que a grande maioria é branca.

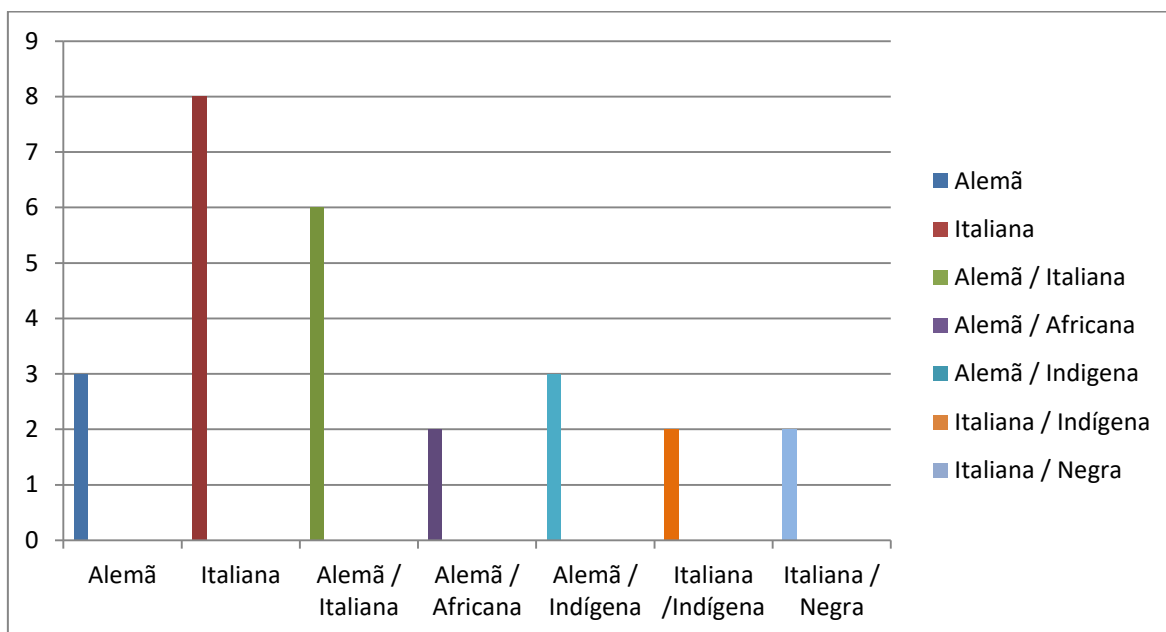


Cor Autodeclarada

Fonte: VELHO, Bruna Marcos. Questionário Diversidade Étnica, 2016.

A ascendência étnica, uma das perguntas determinantes para atividade conclusiva da intervenção “Chá das Etnias”, mostrou que a grande maioria da população é descendente de alemão e/ou italiano, havendo eventualmente miscigenação com a população negra, mas em menor número, bem como com

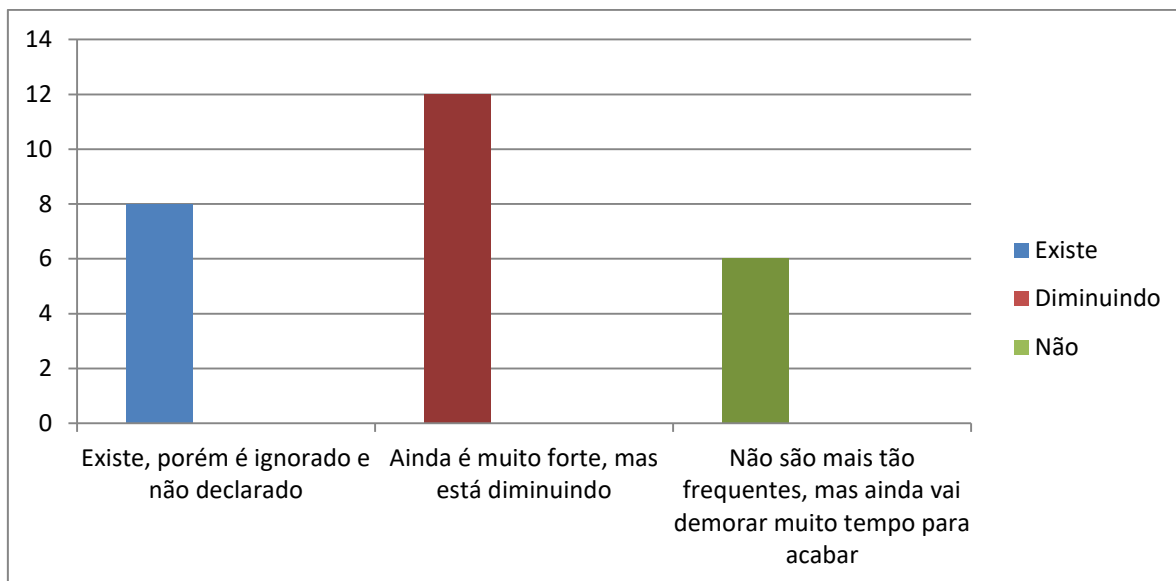
ascendentes indígenas. A predominância é da ascendência italiana, bem como alemã, e a miscigenação entre brancos, e em menor número de miscigenação dessas populações com negros e indígenas, conforme no gráfico abaixo.



Ascendência Étnica

Fonte: VELHO, Bruna Marcos. Questionário Diversidade Étnica, 2016.

Nas perguntas referentes ao preconceito étnico e racial, percebeu-se que a grande maioria não vê estas formas de preconceito no município de Concórdia. A parte que respondeu que existe diz ser contra afrodescendentes negros e indígenas, decorrentes das últimas migrações de haitianos para o município, revelando uma forma de preconceito racial. Todos de uma forma ou outra percebe que existem, alguns acreditam que ainda é muito forte, mas está diminuindo, outros acreditam que existe, porém é ignorado e não declarado e por fim há os que acham que não são mais tão frequentes, mas ainda vai demorar muito tempo para acabar.



Preconceito Racial

Fonte: VELHO, Bruna Marcos. Questionário Diversidade Étnica, 2016.

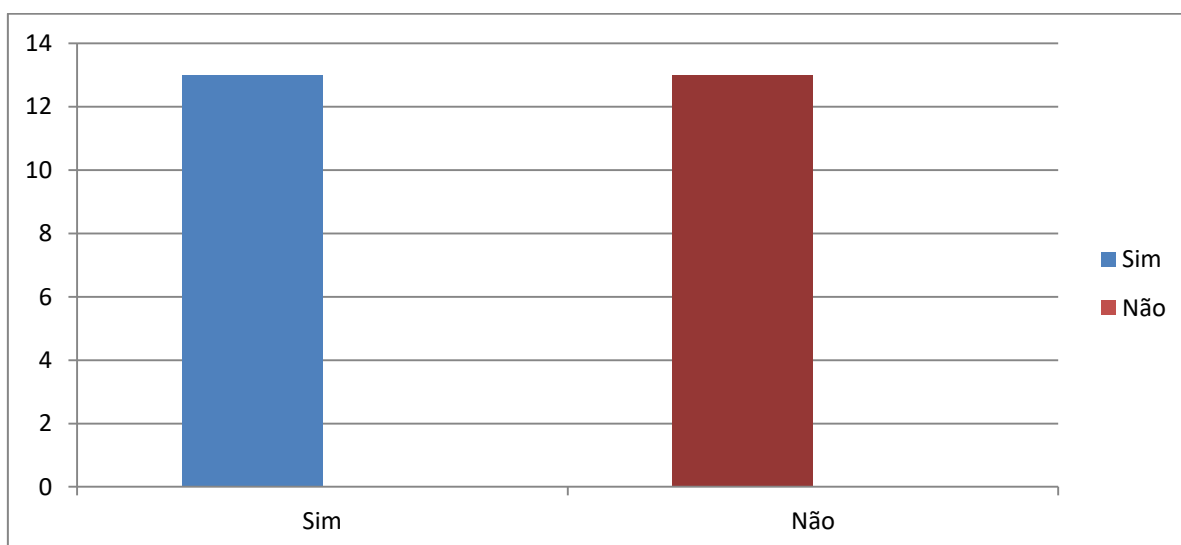
Sobre a pergunta que versa sobre os alunos serem vítimas de preconceito étnico, cinco casos confirmaram existir, relatando que colegas da escola disseram “volta para a África”, zombando da cor da pele, neste caso amarela. Também teve o caso em que num determinado campeonato escolar onde a torcida chamou de preto. Houve o relato de uma aluna que diz ter sofrido preconceito quando foi morar no Nordeste, discriminação pela cor de pele extremamente branca. Nesta questão 5 dos 26 educandos que responderam o questionário, afirmam ter sido vítima de preconceito de ordem étnica ou racial.

Na questão sobre já ter presenciado alguma atitude racista, este número foi elevado, confirmada por 18 alunos, sendo as seguintes atitudes: piadas vistas na internet, pelas redes sociais e a mídia, negros sendo chamados de macacos na rua, colegas sendo chamada de negro e macaco, exclusão de colegas negros na escola e xingamento, como macaco, pela vizinhança.

A questão envolvendo os programas de cotas para afrodescendentes e indígenas nas universidades dentro e fora do Brasil foi polêmica. Muitos educandos ficaram apáticos em relação ao tema, alguns por não tem conhecimento e outros por não terem opinião formada sobre o assunto. Esta opção representou 7 educandos, a opção “para mim é indiferente” teve alternativa 2 alunos. Os que concordam totalmente ou em partes foram 8 educandos, pela questão histórica e social. Isso

pode ser visto no relato do educando K.M. (2016): “concordo em parte, pois se eles tiverem uma base na vida, poderiam ser e ter um futuro melhor”. Sobre a questão de discordar em parte e discordam totalmente representou 9 educandos. Um exemplo é o relato da aluna A.R (2016): “eu discordo em parte, porque se todos são iguais, não deveria existir o sistema de cotas, pois acho que isso diferencia mais as pessoas, e também pessoas com mais capacidade podem perder vagas. Porém, as cotas dão oportunidades de pessoas afrodescendentes e indígenas serem mais aceitas na sociedade e as oportunidades se ampliarem”.

Na questão sobre se existe algum tipo de preconceito étnico na sua escola ou sala de aula, ficou dividido, 13 dizem existir e 13 discordam. Dos que acreditam existir, os relatos envolveram brincadeiras de mau gosto sobre a cor da pele e apelidos racistas contra afrodescendentes. Nesta questão, o destaque é que alguns educandos acreditam que as brincadeiras sobre a cor da pele são “brincadeirinhas” e não discriminação.

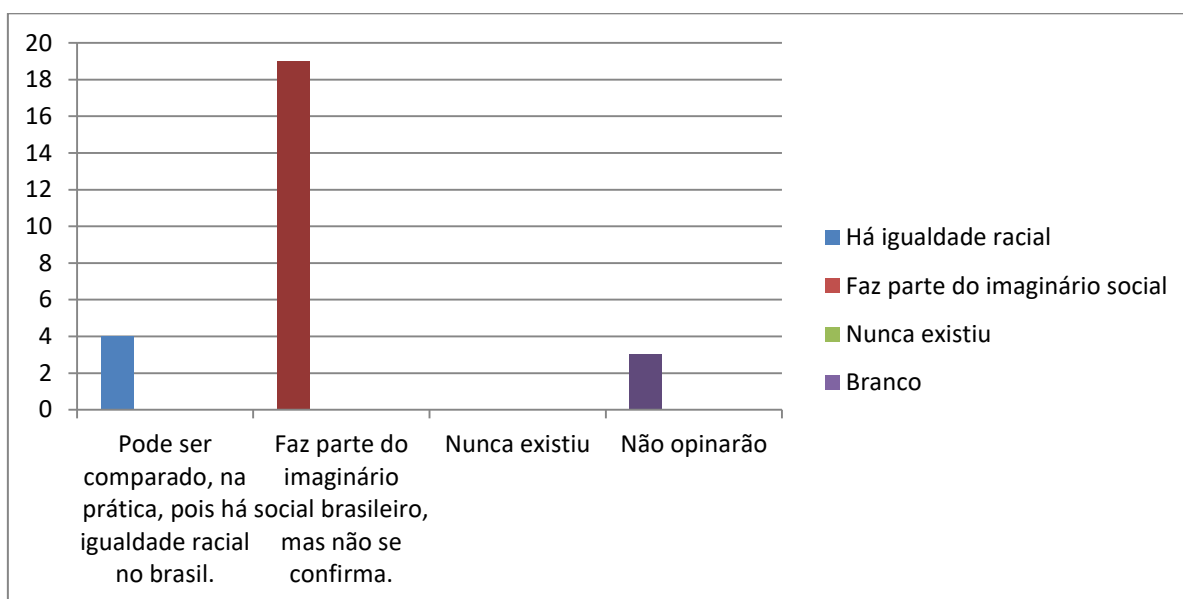


Preconceito étnico na sala de aula e na escola.

Fonte: VELHO, Bruna Marcos. Questionário Diversidade Étnica, 2016.

Na questão sobre a igualdade de oportunidades de negros e brancos na sociedade brasileira, a grande maioria, representada por 19 educandos destacou a seguinte opção: faz parte do imaginário social brasileiro, mas não se confirma na prática. Nesta questão os educandos precisaram do auxílio da professora para entender o contexto da questão. Foi seguida da opção “pode ser comprovada na

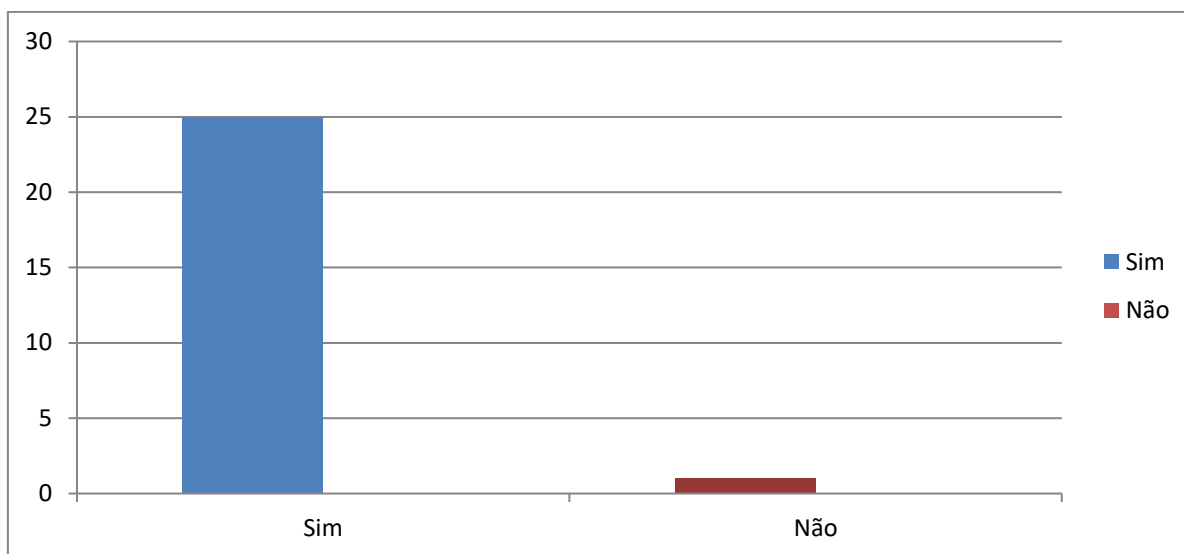
prática, pois há igualdade racial no Brasil” e teve um pequeno número de educandos que não respondeu à questão.



Igualdade de oportunidades entre negros e brancos na sociedade brasileira

Fonte: VELHO, Bruna Marcos. Questionário Diversidade Étnica, 2016.

Para concluir o questionário, havia a seguinte pergunta: você acha importante o estudo sobre etnias? A grande maioria destaca ser importante, pois a partir deste estudo pode ter contato com etnias, origens, costumes, religião, história e culturas diferentes e importantes. Através do estudo, deve melhorar a convivência com as outras pessoas, o que antes não ocorria pelo fato de não ter conhecimento. Passarão a respeitar e valoriza todos indiferentes da cor, religião, costume ou cultura, e assim o racismo irá diminuir com aprendizagem e conhecimento adquirido na escola. Apenas um educando acha que o estudo não é importante, relatando que “não, pois acredito que no meu trabalho não precisar disso” (M.E.V, 2016).



Importância do estudo sobre etnias

Fonte: VELHO, Bruna Marcos. Questionário Diversidade Étnica, 2016.

O questionário foi de grande importância para o desenvolvimento do trabalho. O “Chá das Etnias” se desenvolveu, exibindo as ascendências étnicas que predominam nas turmas, através de convite de representante de cada etnia para vir falar no ambiente escolar.

Os pontos positivos no desenvolvimento da atividade do “Chá das Etnias” foram o envolvimento dos educandos e a participação da equipe pedagógica da escola. O debate iniciou às 10h00min, horário combinado com os representantes de cada etnia, estiveram presentes: duas representantes negras, um indígena, um alemão, uma italiana e um representante da NIARA, organização que cuida de interesses dos haitianos, negros e minorias. Infelizmente não se fez presente o/a haitiano/a, pois são poucos que entendem o idioma português, não conseguindo dispensa do trabalho e outros que estão desempregados, mas não puderam se fazer presentes. A presença do representante do NIARA foi de extrema importância para o debate, pois além de tudo ele também é descendente de negros e possui um conhecimento amplo nesta área.

Os educandos, juntamente com a professora, já tinham organizado as questões em aulas anteriores, considerando que foram as perguntas desenvolvidas por cada grupo de alunos. O debate se iniciou com apresentação de todos os presentes das etnias. Durante o debate pontuaram inúmeras características como: cultura, culinária, respeito e valorização da cultura na sociedade brasileira. Percebeu-se que todos tinham como lema respeitar o outro além da sua cor de pele,

cultura, religião ou etnia. Os educandos mostraram-se ansiosos e comprometidos com a realização das perguntas. Um ponto negativo foi o pouco tempo destinado para a atividade. Como eram vários representantes, as falas foram rápidas. Partindo desde erro, abre-se um leque de perspectivas para os próximos anos envolvendo o tema e ampliando o conhecimento. Elas podem ir além desta proposta de intervenção dentro da especialização. Podem ser temas a serem desenvolvidos por todos os profissionais da educação, em suas disciplinas.

As turmas em que a intervenção ocorreu contam com educandos descendentes de negros, indígenas, italianos e alemães, que ficaram à vontade para contar um pouco de sua história e interagir com os representantes de cada etnia. Por exemplo: há uma aluna indígena com 14 anos de idade, que nos últimos dois anos reside no município de Concórdia com os pais e irmãos. Ela interagiu com os colegas e os representantes, que ficaram curiosos para saber como eram os costumes, vestimentas, educação e aspectos sociais da tribo indígena onde ela vivia em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Um menino descendente de negro, que vêm da religião umbanda, contou um pouco da história da família e da religião, que já sofreu inúmeros preconceitos e que se orgulha de seu pertencimento e religião. Destacou também que o Estado é Laico, mas que não ocorre na prática, havendo preferências por religiões.

Após as falas dos representantes e a interação com os educandos e professora, foi entregue a cada representante uma cesta que os educandos montaram, como uma forma de agradecimento pelo tempo que destinaram para estar no espaço escolar, repassando um pouco do conhecimento. No momento final, todos puderam degustar um prato típico que os educandos se propuseram a fazer. Um detalhe importante foi que, mesmo tocando o sinal para os educandos retornarem às suas residências, a grande maioria continuou na sala conversando e debatendo, buscando um conhecimento mais amplo sobre o assunto. Os que saíram da sala o fizeram em razão do ônibus escolar estar esperando. Os representantes se disponibilizaram a ficar mais alguns minutos, tirando dúvidas e conhecendo um pouco mais de cada história, de maneira informal.

Durante a realização das atividades houve interação dos educandos, por meio do debate, leitura e participação, se mostraram se receptivos ao tema. Os educandos demonstraram organização no desenvolvimento do trabalho, na

realização dos cartazes sobre a diversidade de ascendências étnicas, mostraram comprometimento ao responder os questionários e auxiliar no desenvolvimento do “Chá das Etnias”. Desenvolver um trabalho acerca da diversidade não é algo fácil, principalmente quando as pessoas não estão previamente sensibilizadas para isso, particularmente para as desigualdades étnico-raciais. É preciso que todos os envolvidos no processo de ensino, busquem trabalhar com diversidade em seus conteúdos específicos, formando cidadãos críticos e conscientes do papel de respeito e valorização de todos.

3.5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Houve uma grande interação dos educandos com os temas abordados, primeiramente através da apresentação da importância do estudo, depois discorrendo sobre o objetivo da especialização e a proposta de intervenção a ser realizada, tendo como base o espaço escolar.

O momento preparatório com a inserção do questionário teve um destaque, pelo fato de ser respondido na sala de aula, com o auxílio da professora. Caso tivessem levado para suas residências, acredito que as respostas não seriam apenas dos educandos, mas da família como um todo. A partir de suas respostas o estudo passou a ter sentido, sendo necessário o desenvolvimento do tema da escola.

Uma relação importante foi relacionar a temática ao conteúdo da disciplina de geografia, o continente Africano, mostrando que a abordagem pode ser feita sempre, não apenas sendo um trabalho de conclusão de curso da especialização. Foi importante trazer dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2010), demonstrando aos educandos que as desigualdades socioeconômicas de negros e brancos existe, sendo objetos de estudo e pesquisa, o que dá veracidade ao tema exposto. Ficou nítido que há desigualdades entre brancos e negros na sociedade brasileira, entre o gênero masculino e feminino dentro da mesma raça, pois os negros ainda ficam em cargos de menor prestígio que os brancos e na questão salarial a mulher negra ganha menos que o homem negro ou branco.

O “Chá das Etnias” foi um momento marcante do trabalho, pois contou com a presença da maioria dos educandos, desde a pesquisa no laboratório, a produção

dos cartazes valorizando a história, cultura e sociedade étnicas, até a produção das cestas como forma de agradecimento para os representantes, que contaram um pouco da história e cultura. Na questão da culinária, todos os grupos, das cinco etnias, negra, haitiana, indígena, alemã e italiana, levaram um prato que representasse um produto característico da etnia, e contaram o que levou o grupo a escolhê-lo, como: nega maluca (negra), bolo de abóbora (haitiana), bolo de mandioca (indígena), cuca (alemã) e palha italiana (italiana).

A atividade desenvolvida foi de extrema importância, e contou com a participação dos educandos, que se mostraram empenhados a conhecer e respeitar o outro, além da cor da pele. A partir do trabalho desenvolvido, abrem-se caminhos e derrubam-se barreiras para que o espaço escolar seja utilizado como espaço de conhecimento e sabedoria das ascendências étnicas e da situação do negro no Brasil. O trabalho ainda pode contar com a interdisciplinaridade, de forma que todos os profissionais e educandos possam participar de momentos grandiosos como este, acolhendo e respeitando a diversidade, colocando em prática o que atualmente encontra-se só na teoria. Este trabalho de intervenção é um exemplo que a lei 11.645 e a obrigatoriedade do ensino sobre conteúdos relacionados à população negra e indígena podem sim, estar nos ambientes escolares, juntando a teoria e atividades práticas, através de práticas escolares inclusivas como o Chá das Etnias (ANEXO 6).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscar uma maior interação dos indivíduos com o meio, proporcionando um desenvolvimento nos diferentes aspectos seja eles, sociais, econômicos, políticos, religiosos, dentre outros, conhecendo e explorando a diversidade existente na sociedade foi um destaque importante para o trabalho de conclusão de curso. Desta forma, o trabalho desenvolvido para a *Especialização de Gênero e Diversidade na Escola* pela UFSC na modalidade EaD, buscou desenvolver um estudo em torno da diversidade, buscando um entendimento no outro como um ser que possui diferenças e que estas devem ser valorizadas. Pela condição e construção histórica e social o tema abordado, *Espaço Escolar: Diversidade Étnica e a luta pela igualdade*, se encaixa no eixo raça e etnia da especialização.

Para a produção do trabalho foram utilizadas diferentes referências, não podendo deixar de destacar a base na produção foi o jornal da FAFI – Integração de junho de 1988, nº 03, que conta a história do Chico Preto – Um Serviçal, este que é meu bisavô pelo lado materno.

Há uma grande importância de relacionar temas envolvendo raça, etnia, etnicidade e racismo no espaço escolar, este que é um espaço de interações entre diferentes tipos de indivíduos. O papel da escola é oportunizar aos indivíduos um estudo crítico da diversidade, respeitando e valorizando as diferenças, apropriando - se de um espaço que não é neutro, mas que produz um conhecimento acerca do outro. Buscou-se desenvolver uma atitude crítica, promovendo o acesso aos diferentes tipos de conhecimento das ascendências étnicas e do negro na sociedade brasileira. Essa é uma forma de combater o racismo na nossa sociedade.

No decorrer do trabalho buscou-se promover o acesso aos diferentes tipos de ascendências étnicas, com ênfase no negro. Compreender e assimilar o processo de formação da identidade dos indivíduos, de modo a refletir acerca do ser negro, da consolidação da identidade cultural, da miscigenação da população brasileira e da valorização dos costumes e tradições africanas para que os educandos estejam cientes da condição do negro na sociedade brasileira.

O preconceito ainda é grande em relação aos diferentes grupos étnicos, principalmente recaindo sobre a população de origem africana. Segundos os relatos eram comuns que os negros não pudessem participar de bailes e futebol se não

fossem apenas com negros, o preconceito era enorme com os casamentos que ocorriam com pessoas que cor de pele diferente, o relato de José Fernandes Siqueira (2006, p.55) revela que sua avó materna era descendente de italianos e pai materno era bugre, “vêm daí essa mistura de etnias. Meus tios são mais morenos do que eu”, lembra também que “mesmo com essa diversidade de etnias o preconceito racial existe na sociedade”.

Mostrou-se que o trabalho trouxe a realidade social dos negros no município de Concórdia, no Estado de Santa Catarina, no Brasil e no Mundo, desenvolvendo um conhecimento do local até o global, através de livros, reportagem e debates. A partir das discussões realizadas foi enfatizado a valorização do outro, indiferente da sua raça, etnia, cor, religião e cultura, e que devesse buscar o conhecimento sobre o outro, sem prejulgamentos.

REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. In. PEREIRA, Antuterpio D. **Raça, Racismo, Etnicidade e Sexualidade**. Ed. Atual. HETEC – HISTÓRIA, EDUCAÇÃO & TECNOLOGIAS. ISSN 2316-3003. Disponível em: <https://hetec.wordpress.com/anteriores-2/artigos/297-2/>. Acesso em: 25 de outubro de 2015.

ATUAL FM. **“Fora Gorilas Haitianos de Concórdia” diz frase escrita em parada de ônibus**. Rádio Catarinense: 8 de junho de 2016. Disponível em: <http://www.radiocatarinense.com.br/index.php/2016/06/08/fora-gorilas-haitianos-de-concordia-diz-frase-escrita-em-parada-de-onibus/>. Acesso em: 20 de setembro de 2016.

BRASIL, 2005. In. SILVA, Paulo Vinicius Baptista da.; TRIGO, Rosa Amália Espejo.; MARÇAL, José Antonio. **Movimentos negros e direitos humanos**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 13, n. 39, p. 559-581, maio/ago. 2013.

BOBBIO, Norberto (et all). Dicionário de Política. SP: Imprensa Oficial, 2000, p. 449. IN. SOERENSEN, Claudiana. **Cultura e etnicidade: alguns conceitos**. Disponível em: http://www.unioeste.br/projetos/afroindigena/materiais_aulas_pos/Cultura.pdf. Acesso em: 19 de novembro de 2016.

DOCUMENTÁRIO BABIES. Publicado em: 25 de maio de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S-IWuQs3-AA>. Acesso em 01 de novembro de 2016.

GIACOMINI, Sonia M. **Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação**. Ed. Copiart: Tubarão, 2015.

GONÇALVES; SILVA, 2000. In. SILVA, Paulo Vinicius Baptista da.; TRIGO, Rosa Amália Espejo.; MARÇAL, José Antonio. **Movimentos negros e direitos humanos**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 13, n. 39, p. 559-581, maio/ago. 2013.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Cor e raça**. Raça, cor e outros conceitos analíticos. SANSONE, Livio. ARAÚJO, Osmund (Org.). **Raça: novas perspectivas antropológicas**. 2 ed. rev. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.

GROSSI, Miriam Pillar.; ZIGELLI, Olga Regina.; MAGRINI, Pedro Rosas. (Editoras). Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola. Livro IV – Módulo IV.

Disciplina 8 - Noções de Raça, Racismo, Etnicidade e Desigualdades Raciais.
Gráfica e Editora Copiart, Tubarão/ SC: 2015.

G1 SC. **Com relatos de preconceito e falta de emprego, muitos haitianos deixam SC.**
Imigrantes chegaram a ser 700 em Navegantes; hoje, são 150.
Sem perspectiva, muitos partem rumo aos Estados Unidos e Chile. 22/07/2016
14h57 - Atualizado em 22/07/2016 16h56. Disponível
em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/07/preconceito-e-desemprego-fazem-haitianos-deixarem-sc-tratam-mal.html>>. Acesso em: 20 de setembro de 2016.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS - 2010.
Disponível em: <http://teen.ibge.gov.br/noticias-teen/7758-demografia-das-empresas-2.html>. Acesso em: 07 de novembro de 2015.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Síntese de Indicadores Sociais confirma as desigualdades da sociedade brasileira. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Comunicação Social: 12 de junho de 2003.
Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/12062003indic2002.shtm>>.
Acesso em: 20 de setembro de 2016.

Integração. Jornal da FAFI. Ano: II, N° 03. Junho/1988.

LIMA, Jhéssica Luara Alves de. **Direitos humanos e discriminação racial.**
Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10352>. Acesso em: 17 de agosto de 2016.

LOPES, Robson da Silva. **O Movimento Negro no Brasil: lutas e conquistas em prol de uma sociedade equânime.** Por dentro da África: 2014. Disponível em: <<http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/o-movimento-negro-brasil-lutas-e-conquistas-em-prol-de-uma-sociedade-equanime>>. Acesso em: 21 de agosto de 2016.

MENDONÇA, Erasto Fortes. Curso de Especialização em educação, pobreza e desigualdade social. **Pobreza, direitos humanos, justiça e educação.** Brasília: MEC, 2015.

MOREIRA, Igor. **Mundo da geografia: 8° ano.** Curitiba: Positivo, 2014.

MUNANGA, Kabengele (2003). In. GROSSI, Miriam P.; GARCIA, Olga R. Z. ; Magrini, Pedro Rosas. (Editores). **Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola**. Livro IV – Módulo IV. Ed. Copiart, Tubarão/SC, 2015.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem**. Tempo Social revista de sociologia da USP: 2006. Volume, numero . pag. 287 a 308.

OLIVEIRA, Eliana. **Identidade, intolerância e as diferenças no espaço escolar: questões para debate**. Revista Espaço Acadêmico – Ano I – N° 07, dezembro de 2001. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/007/07oliveira.htm>. Acesso em: 22 de abril de 2016.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Composição étnica do Brasil"; Brasil Escola. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/geografia/composicao-etnica-brasileira.htm>>. Acesso em 12 de outubro de 2016.

PEREIRA, Antuterpio D. **Raça, Racismo, Etnicidade e Sexualidade**. Ed. Atual. HETEC – HISTÓRIA, EDUCAÇÃO & TECNOLOGIAS ISSN 2316-3003. Disponível em: <https://hetec.wordpress.com/anteriores-2/artigos/297-2/>>. Acesso em 25 de outubro de 2015.

SANTOS, Alvair dos. **Retratos da População de Concórdia – Os Afrodescendentes**. Prefeitura de Concórdia: Assessoria de Comunicação Social: Julho, 2007.

SEBRAE. Política Pública. Centro Referência em Educação Integral. Sebrae / Políticas Públicas – conceito e práticas, do Sebrae/ Revista UFT. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/glossario/politicas-publicas/>>. Acesso em: 20 de agosto de 2016.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da.; TRIGO, Rosa Amália Espejo.; MARÇAL, José Antonio. **Movimentos negros e direitos humanos**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 13, n. 39, p. 559-581, maio/ago. 2013.

SPIELBERG, Steven. **Amistad** (Filme). 1997.

STOLKES, Verena. **O Enigma das Interseções: classe, “raça”, sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX**. Revista Estudos Feministas, n. 14; v. 1; janeiro-abril de 2006. Módulo IV – Especialização EaD em Gêneros e Diversidades na Escola.

ANEXOS

ANEXO 1. QUESTIONÁRIO – DIVERSIDADE ÉTNICA

NOME: _____

Turma: _____

Data: ___/___/2016.

1. Sexo:

() Masculino

() Feminino

2. Idade: _____

3. Naturalidade (município e estado de origem):

4. Como você se autodeclara na cor da pele:

() Branco

() Amarelo

() Indígena

() Preto

() Pardo

() Outros. Qual: _____

5. Qual é sua descendência étnica:

() Alemã

() Italiana

() Indígena

() Africana

() Outras. Qual: _____

6. Você identifica algum preconceito de ordem étnica na sociedade brasileira:

() Não

() Sim, contra brancos

() Sim, contra negros

() Sim, contra afrodescendentes de um modo geral (negros, pardos, mulatos e cafuzos)

() Sim, contra alemães ou italianos

() Sim, contra índios

7. Em relação ao preconceito racial:

() Existe, porém é ignorado

() Ainda é muito forte, mas estão diminuindo

() Existe, porém não declaradamente

() Não são mais tão frequentes, mas ainda vai demorar muito tempo para diminuir

() Quase não há mais preconceito

() Não há preconceito

8. Você já foi vítima de algum tipo preconceito de ordem étnica (por causa da cor da sua pele ou do seu Estado de origem):

- Sim
- Não

Relate _____ como
foi: _____

9. Já presenciou alguma atitude racista:

- Sim
- Não

10. Qual a sua opinião a respeito dos programas de cotas para afrodescendentes e indígenas nas universidades:

- Eu concordo totalmente
- Eu concordo em partes
- Para mim é indiferente
- Eu discordo em partes
- Eu discordo totalmente
- Não tenho uma opinião formada

11. Em relação à ideia segundo a qual haveria igualdade de oportunidades para negros e brancos na sociedade brasileira, você diria que:

- Pode ser comprovado na prática, pois há igualdade racial no Brasil
- Faz parte do imaginário social brasileiro, mas não se confirma na prática
- Nunca existiu

12. Existe algum tipo de preconceito étnico na sua escola ou sala de aula:

- Sim
- Não

Qual: _____

13. Você acha importante o estudo sobre etnias.

- Sim
- Não

Por

que: _____

ANEXO 2. REPORTAGEM:

Censo 2010 mostra as características da população brasileira

Em comparação com o Censo realizado em 2000, o percentual de pardos cresceu de 38,5% para 43,1% (82 milhões de pessoas)

Por Portal Brasil. Publicado: 02/07/2012 20h27. Última modificação: 23/07/2015 15h08

O resultado do Censo Demográfico 2010 que levantou dados sobre as "Características Gerais da População, Religião e Pessoas com Deficiência", divulgado na última sexta-feira (29) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que, apesar de já ser predominante no Brasil, a população negra ainda sofre com a desigualdade racial.

Em comparação com o Censo realizado em 2000, o percentual de pardos cresceu de 38,5% para 43,1% (82 milhões de pessoas) em 2010. A proporção de pretos também subiu de 6,2% para 7,6% (15 milhões) no mesmo período. Esse resultado também aponta que a população que se autodeclara branca caiu de 53,7% para 47,7% (91 milhões de brasileiros).

O analista socioeconômico do IBGE, Jefferson Mariano, afirma que essa mudança de cenário faz parte de uma mudança cultural que vem sendo observada desde o Censo de 1991. "O Brasil ainda é racista e discriminatório. Não é que da noite para o dia o País tenha deixado de ser racista, mas existem políticas. As demandas (da população negra), a questão da exclusão, tudo isso começou a fazer parte da agenda política", afirma Mariano.

Nível superior

O Censo Demográfico de 2010 apontou a grande diferença que existe no acesso a níveis de ensino pela população negra. No grupo de pessoas de 15 a 24 anos que frequentava o nível superior, 31,1% dos estudantes eram brancos, enquanto apenas 12,8% eram pretos e 13,4% pardos.

Para o presidente da Fundação Cultural Palmares (FCP), Eloi Ferreira de Araujo, a política das cotas nas universidades brasileiras é um dos caminhos mais importantes para que esses números não se repitam no próximo Censo.

Mercado de trabalho

A nova publicação também traz um dado conhecido: os brancos continuam recebendo salários mais altos e estudando mais que os negros (pretos e pardos).

População negra nos estados brasileiros

A população de pardos, por exemplo, é mais comum no Nordeste e no Norte (com destaque para o Pará, com 69,5% de pardos), enquanto os negros estão mais presentes nos estados da região Nordeste, principalmente na Bahia, onde 17,1% se autodeclararam negros (2,4 milhões de pessoas).

Pessoas com deficiência

Em 2010, quase 46 milhões de brasileiros, cerca de 24% da população, declarou possuir pelo menos uma das deficiências investigadas (mental, motora, visual e auditiva). Desse número, a maioria é formada por mulheres, inclusive nos grupos de cor ou raça, onde quase 1/3 (um terço) das mulheres negras possui alguma deficiência (23,5% dos homens e 30,9% das mulheres, uma diferença de 7,4 pontos percentuais).

Fonte: Palmares Fundação Cultural

Site: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2012/07/censo-2010-mostra-as-diferencas-entre-caracteristicas-gerais-da-populacao-brasileira>. Acessado em 19 de setembro de 2016.

ANEXO 3. MATERIAL – VALORIZAÇÃO DA CULTURA NEGRA



Fonte: Acervo pessoal.



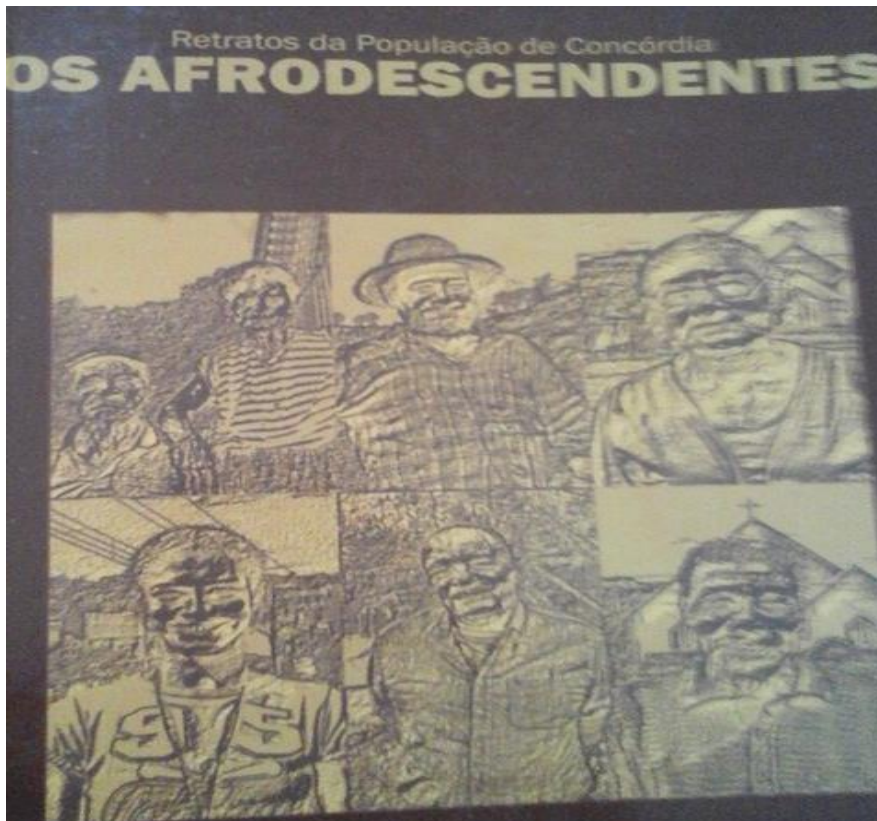
Fonte: Acervo pessoal.

ANEXO 4. REPORTAGEM: Chico Preto – Um Serviçal



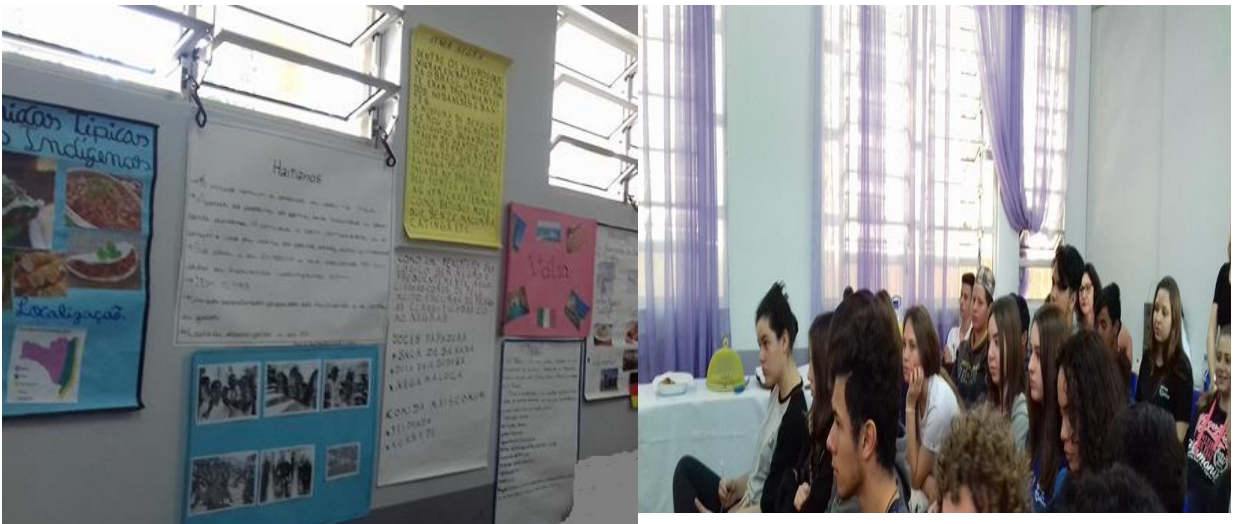
Fonte: Acervo pessoal.

ANEXO 5. LIVRO: RETRATOS DA POPULAÇÃO DE CONCÓRDIA – OS AFRODESCENTES.



Fonte: Acervo pessoal.

ANEXO 6. CHÁ DAS ETNIAS



Cartazes produzidos pelos grupos de cada etnia.
Fonte: Acervo pessoal.